

## O CAMINHO DE FANTE

Escritor americano fez sua estreia literária há 80 anos, com *Espera a primavera, Bandini*, livro que deu a largada para uma trajetória editorial marcada por altos e baixos

# EDI TO RIAL

O tempo, para a literatura e os escritores, costuma correr mais devagar. Para o escritor John Fante, o vaticínio foi ingloriosamente certo. Ele passou a maior parte da vida tentando se dar bem como romancista, mas foi só no final de sua jornada que encontrou o reconhecimento que sempre buscou. Mas ele veio — com a ajuda pontual de outro *outsider*, Charles Bukowski.

Em 2018, leitores e fãs de Fante comemoram os 80 anos da publicação de *Espera a primavera, Bandini*, livro que dá início à trajetória do autor e de seu personagem mais emblemático, o quixotesco Arturo Bandini.

É essa história que o escritor e jornalista Roberto Muggiati conta nas páginas desta edição do **Cândido**. Tradutor no Brasil dos principais romances de Fante, Muggiati narra a história editorial de redenção protagonizada pelo escritor nascido em 1909 no gelado Estado do Colorado. “Um dia, H. L. Mencken aprova condicionalmente a história ‘Altar Boy/Coroinha’”. A extensa troca de cartas cria um vínculo

entre ele e Mencken ajuda Fante a publicar seu primeiro romance, *Espera a primavera, Bandini*”, escreve Muggiati sobre a estreia do autor de *Pergunte ao pó*, livro cujos dois primeiros capítulos foram transformados em quadrinhos por DW Ribatski aqui. O **Cândido** ainda traz uma Prateleira Fante, com comentários sobre os romances do autor.

Na coluna Pensata deste mês, o

professor e crítico Luís Augusto Fischer apresenta um breve painel das principais correntes da literatura brasileira em prosa hoje. A poeta gaúcha Angélica Freitas (foto), que participou do projeto Um Escritor na Biblioteca em setembro, relata seu percurso profissional e literário, comentando também sobre seu próximo livro de poemas, que deve ser lançado em março de 2019. A tradutora e jornalista Ma-

riana Sanchez assina reportagem sobre diários de escritores.

Entre os textos inéditos, a edição traz contos de Luiz Roberto Guedes, Carlos Emílio Corrêa Lima e Ale Moretti, além de poemas de Ruy Espinheira Filho e Heitor Ferraz Mello. A ilustração da capa é assinada pelo artista Índio San.

Boa Leitura.



KRAW PENAS

**CÂNDIDO**

CÂNDIDO É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ



Governadora do Estado do Paraná: **Cida Borghetti**  
Secretário de Estado da Cultura: **João Luiz Fiani**  
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: **Rogério Pereira**  
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: **Marta Sienna**

Coordenação Editorial: **Rogério Pereira e Luiz Rebinski.**  
Redação: **Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.**  
Estagiários: **Daniel Tozzi e João Lucas Dusi.**  
Projeto gráfico e design: **Thapcom.com**

**Colaboradores desta edição:**  
Antonio Carlos Secchin, André Ducci, Ale Moretti, Carlos Emílio Corrêa Lima, DW Ribatski, Heitor Ferraz Mello, Índio San, Luís Augusto Fischer, Kraw Penas, Luiz Roberto Guedes, Mariana Sanchez, Roberto Muggiati e Ruy Espinheira Filho.

**Redação:**  
imprensa@bpp.pr.gov.br  
— (41) 3221-4974

Cândido pela internet:  
📄 [candido.bpp.pr.gov.br](http://candido.bpp.pr.gov.br)  
📱 [/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)

A BPP divulga informações sobre serviços e toda a programação da BPP.

🌐 [bpp.pr.gov.br](http://bpp.pr.gov.br)  
📱 [/bpppr](https://www.facebook.com/bpppr) 🐦 [/bpppr](https://twitter.com/bpppr) 🌐 [/bpppr](https://www.instagram.com/bpppr)

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ  
**Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR**  
Horário de funcionamento  
**Segunda a sexta: 8h30 às 20h.**  
**Sábado: 8h30 às 13h.**

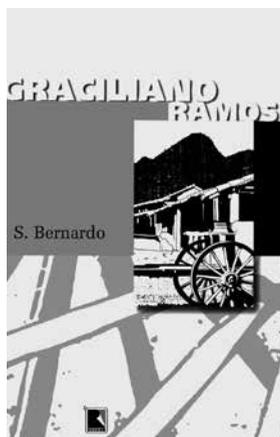
Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

## cândido indica

### S. BERNARDO

Graciliano Ramos, Record, 2006

Após esfaquear João Fagundes, que resolveu “abrecar” a cabritinha Germana, Paulo Honório fica preso por três anos. Livre, faz um empréstimo e sobe na vida por meios escusos. A falta de escrúpulos do protagonista o permite tornar-se dono da grande fazenda que dá nome ao livro e prosperar, mas seu temperamento faz com que, gradualmente, tudo colapse. O aparente sucesso de Honório, assim, não impede que sua vida seja uma sucessão de desgraças — assassinatos, brigas, acusações, um casamento fracassado, ciúmes e suicídio. A partir desse estudo da ganância, da ignorância e suas consequências, o alagoano Graciliano Ramos elabora, neste que é seu segundo livro, uma narrativa sobre a ascensão e queda de um homem irascível.



### COSMOGONIAS

Otto Leopoldo Winck, Kottter Editorial, 2018

*Cosmogonias* apresenta ao leitor uma miríade de referências — literárias, bíblicas, culturais e filosóficas — que são parte primordial na construção dos poemas. Em “Blues”, a música marca o tom da despedida e do coração partido: “Ela se foi/ E com ela foi-se tudo / o que um dia eu fui./ Ficou só a minha dor, / a minha gaita / e este blues”. Já “Torquatamente” recria os últimos passos de Torquato Neto para falar dos derradeiros desejos da voz poética criada por Otto Leopoldo Winck. Segundo livro de poemas do autor carioca radicado em Curitiba, *Cosmogonias* também flerta e dialoga com a metafísica e a teologia em uma linguagem que se destaca pela clareza.



### O ÚLTIMO DIA DE UM CONDENADO

Victor Hugo, L&PM Pocket, 2017

Tradução: Paulo Neves

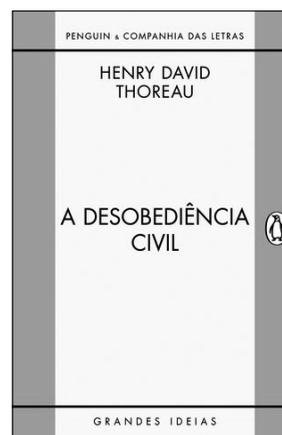
Sem revelar seu nome, trejeitos ou aparência, o narrador anuncia de pronto sua condição: “Condenado à morte!”. Sabe-se que deixou mulher e filha pequena, mas o crime que o levou à sentença não é comunicado. Não é interessante, também, saber detalhes de sua vida. O que importa é sua nova condição. O que o define, agora, é a condenação. É assim que, ao elaborar um protagonista anônimo que representa uma questão mais ampla, o escritor francês Victor Hugo (1802-1885) discute a potencial desumanização causada pelo sistema penal vigente à época e explora o tormento do último dia de um condenado.



### A DESOBEDIÊNCIA CIVIL

Henry David Thoreau, Penguin, 2012

O escritor e filósofo americano Henry David Thoreau (1817-1862) foi um libertário que antecipou ideais que viriam a “colar” apenas muitas décadas após sua morte. Em *A desobediência civil*, Thoreau dá o tom de sua reflexão logo na linha inicial: “O melhor governo é o que menos governa”. A partir daí, incita seus contemporâneos a protestar contra tudo que é injusto, de leis equivocadas à escravidão então vigente nas Américas. A presente edição ainda traz textos como “Onde vivi, e para quê”, uma defesa do naturalismo e da vida simples em um momento que os Estados Unidos se preparavam para ser o bastião do consumo no mundo.



## curta da BPP

REPRODUÇÃO



## BIBLIOTECA LANÇA ANTOLOGIA DE CRÔNICAS PARANAENSES

A Biblioteca Pública do Paraná realiza no dia 13 de dezembro o lançamento da antologia *O tempo visto daqui: 85 cronistas paranaenses*. O evento, que acontece no hall térreo, às 17h, traz um bate-papo com o organizador da obra, o professor e escritor Luís Bueno, além de sessão de autógrafos. O livro compila de forma inédita mais de um século e meio de produção — e publicação — de crônicas na imprensa paranaense, com nomes que vão de Emiliano Pernetta (1866-1921) e Helena Kolody (1912-2004) a Cristovão Tezza e Dalton Trevisan, iluminando vários períodos da imprensa e da cultura do Paraná.

## PENSATA

A coluna *Pensata* abre espaço para que autores reflitam sobre um tema sugerido pela equipe do **Cândido**. Nesta edição, o escritor e crítico Luís Augusto Fischer elenca o que, em sua opinião, são as principais correntes da literatura brasileira hoje e debate acerca de como questões extraliterárias estão — ou não — interferindo na produção atual dos autores brasileiros.

# SEIS PALPITES SOBRE LITERATURA BRASILEIRA HOJE EM DIA

LUÍS AUGUSTO FISCHER

**A**lguém se mete de pato a ganho para tentar uma leitura de conjunto sobre a literatura de hoje em dia no Brasil? Difícil.

Primeiro porque tem muita gente produzindo, e com resultados excelentes. São três gerações em atuação: os velhinhos, com 70 anos ou mais (Dalton Trevisan, Lya Luft, Luis Fernando Verissimo, Chico Buarque, Conceição Evaristo e outros); os maduros (cinquentões e sessentões, Tezza, Bonassi e Ruffato apenas entre os italodescendentes, mas igualmente Milton Hatoum, Paulo Lins, Rubens Figueiredo, Marcelo Rubens Paiva, Beatriz Bracher, Miguel Sanches Neto, Paulo Scott, Bernardo Carvalho, uma penca de gente de excelente qualidade); e os relativamente jovens, por volta dos 40 anos

(Michel Laub, Tatiana Levy, Marcelino Freire, Ferréz, Daniel Galera).

E eu só mencionei prosadores. Se incluir poetas na conta...

Então dar balanço nisso tudo é impossível. A não ser como impressionismo, que é o que comanda o texto daqui pra frente.

Impressão 1: o romance, como forma, está em alta forte. Se estivéssemos num mercado com gente negociando ações e tal, a barbada seria apostar na força do romance, talvez ainda por um bom tempo. Contista está quase matando cachorro a grito, depois de ter tido uma geração inteira de prestígio, entre 1970 e o fim do século. Dá pra ver que os concursos quentes para textos e/ou autores inéditos abrem principalmente para romance, não para conto, poesia ou outro gênero.



Rubens Figueiredo e Beatriz Bracher, segundo o crítico Luís Augusto Fischer, são alguns dos representantes “maduros” da literatura brasileira que estão produzindo excelente prosa no país.

Impressão 2: crônica meio que perdeu destaque, talvez como um eco direto da ascensão dos blogs (agora em baixa) e do Facebook (parece que não muito relevante para a geração sub-25, mas de forte significado e presença para gente mais velha), e portanto a emergência de zilhões de praticantes de

crônica, (com nível de qualidade por certo muito variável), e a baixa dos jornais impressos, nicho original da melhor voz cronística no Brasil (e alhures). Todo mundo é cronista. O único caso de destaque nacional recente é o Antonio Prata.

Impressão 2, parágrafo novo: o peso da voz cronística no deba-

REPRODUÇÃO



te público perdeu fôlego, comparado ao que rolou por exemplo com Luis Fernando Verissimo, em seus memoráveis embates com FHC, ou Zuenir Ventura quando começou a falar da “cidade partida”. Apareceram e se consolidaram cronistas inteligentes de direita (ou antiesquerdistas), como Pondé e João Pereira Coutinho, coi-

sa inimaginável na geração anterior.

Impressão 3: tem uma penca de mulheres poetas lançando livros de interesse, numa relação direta com a consolidação do feminismo nas últimas décadas. Não sou especialista no campo, nem acompanhado de perto o cenário, mas estão aí Angélica Freitas, Bruna Beber, Ana Mar-

tins Marques. Li agora o livro *Mugido ou diários de uma doula*, de Marília Floôr Kosby (Garupa, Rio de Janeiro, 2017), que é um estouro: a voz poética é feminina e põe em foco a condição das fêmeas — a autora tem experiência de acompanhar seu pai, veterinário, no parto de vacas, matéria-prima do tal diário da doula mas de bezerras. Poesia desde o ângulo das fêmeas, mulheres ou vacas, é disso que se trata, de um modo poeticamente muito forte e significativo.

Pergunta fora de hora: o fato de ter muita poesia feita por mulheres terá a ver com uma jornada de conquista de linguagem e de ponto de vista? Acho que sim. A poesia pode ser a primeira etapa na busca de uma linguagem — embora haja romances claramente feministas (e ótimos romances) de Beatriz Bracher, Tatiana Salem, Levy, Ana Maria Gonçalves.

Impressão 4: idem, autores negros, identificados com algum dos ramos do movimento negro (este adjetivo não é unânime), agora se reconhecem como tal e alteram a visada histórica sobre o campo. Por exemplo: Ferréz reivindica familiaridade com os Racionais MCs, mas também com Carolina Maria de Jesus, e esta, por sua vez, ganha outra figura, para muito além da mera condição de depoimento direto sobre a pobreza. A candidatura de Conceição Evaristo à Academia Brasileira de Letras, que é óbvio que seria frustrada (por confrontar os ritos de visitas e salamaleques e coisas assim), explicitou essa nova situação.

Impressão 5: na profusão de romances de qualidade que temos agora, arrisco dizer que temos alguns temas muito bem acompanhados, como o universo da vida dos de baixo (Rubens Figueiredo, Luiz Ruffato, Fernando Bonassi, Paulo Lins, Ferréz, Paulo Scott), ou como as

mazelas da vida de gente de classe média — o que em nada desmerece essas obras, bem entendido —, como será o caso de Lya Luft, Cristovão Tezza, Daniel Galera.

Nota à parte: o universo dos indígenas, os que vivem em modo tradicional ou os que vivem já em modo de vida ocidental mas de algum modo se compreendem como ameríndios, tem já aparecido em literatura, mas ainda em proporção pequena. Daniel Munduruku faz ótima literatura para jovens e crianças com essa matéria histórica; Paulo Scott enfrentou o tema ainda mais confuso de um casal interétnico e intercultural, uma adolescente indígena tendo filho de um jovem ocidental, em *Habitante irreal*, que recebeu menos atenção do que merece, creio.

Impressão 6: e o que é que não há, ou quase não há? Dois temas chamam a atenção pela sua quase ausência — primeiro, o mundo das pequenas cidades interioranas, essas mesmas que apoiaram a inacreditável greve dos caminhoneiros e votaram maciçamente em candidato declaradamente homofóbico e misógino. Quem vai nos explicar isso tudo? Segundo: com uma exceção chamada Ricardo Lísias (me refiro ao sensacional livro assinado por “Eduardo Cunha (pseudônimo)”, o mundo da alta política e do poder parece muito distante dos nossos escritores, em regra. Não temos capitães de indústria, banqueiros, altos funcionários, operadores dos esquemas internacionais, senadores e deputados. Cadê essa gente? ■

**LUÍS AUGUSTO FISCHER** é professor de literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e autor de, entre outros livros, *Machado e Borges* — e outros ensaios sobre Machado de Assis e Literatura Brasileira — modos de usar. Vive em Porto Alegre (RS).

 UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

# ANGÉLICA FREITAS

Depois de cinco anos sem publicar, Angélica Freitas voltará à poesia em 2019. A autora, que participou da edição de setembro do projeto Um Escritor na Biblioteca, falou sobre o novo projeto, que ainda está em fase de organização e seleção. São textos produzidos depois da publicação de seu trabalho anterior, *Um útero é do tamanho de um punho*, vencedor do prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte em 2012. “Escrevi nesse meio tempo várias séries de poemas ou de livrinhos, então acredito que esse novo livro vá conter vários outros livros dentre dele”, disse durante o bate-papo, que teve a mediação do jornalista Omar Godoy.

DA REDAÇÃO



Conhecida por praticar uma literatura comprometida com causas do feminismo, Angélica, no entanto, não vê como uma obrigação o posicionamento político do artista. Para ela, “cada um sabe o que consegue fazer. Acho que ativismo político é muito importante e algumas pessoas fazem isso melhor do que outras”.

Apesar de ter uma ligação bastante antiga com a literatura, a poeta só assumiu sua faceta de escritora *full time* após largar o emprego de repórter do jornal *O Estado de S. Paulo* e voltar para a casa da mãe, em Pelotas, no interior do Rio Grande do Sul. A partir daí, passou a se dedicar totalmente à escrita e hoje, além de escrever, também roda o Brasil e outros países ministrando oficinas. “Descobri que gosto muito de dar oficina de poesia, de compartilhar leituras e de poder ser uma leitora também para as pessoas que estão começando a escrever.”

Com uma presença marcante na internet, Angélica acredita que os blogs surgidos no início dos anos 2000 possibilitaram o aparecimento de vozes poéticas até então repressadas. “Isso acho que mudou bastante a cena da literatura.” Durante o bate-papo, a escritora gaúcha ainda falou sobre suas influências, as primeiras leituras e a descoberta da poesia como uma manifestação artística possível.

#### MANUAL

Cresci em uma casa em que havia livros, sim, mas eles eram quase todos do meu avô, que era português e veio para o Brasil com 13 anos e aprendeu a ler sozinho. Ele era um cara que gostava muito de ler, então acabei crescendo entre esses livros dele — e havia coisas muito interessantes na biblioteca do meu avô. Lembro de um livro que se chamava

*Manual do secretário moderno*. Foi uma descoberta muito interessante para mim e engraçada também porque era um livro que basicamente ensinava como redigir cartas. Desde como escrever uma carta para vender uma casa até carta para pedir uma moça em namoro. Mas ele também tinha uma coleção encadernada das seleções do *Reader's Digest*, que eram quase todas do período da Segunda Guerra. E eu também achava aquilo fascinante, sobretudo a seção de piadas, que se chamava “Rir é o melhor remédio”.

#### NA ESCOLA

Lia bastante a coleção “Para gostar de ler”. Na verdade lia qualquer coisa que tivesse lá, porque meu interesse era preencher o cartão da biblioteca. Deve ser alguma coisa de ariano, não sei, porque eu sou ariana. Eu ficava lendo tudo aquilo, então meus pais se deram conta: “Nossa, ela gosta de ler”. E acho que foi uma coisa muito boa para eles. Eu era daquelas crianças que os pais não podiam descuidar um segundo porque aprontava alguma coisa. Estava sempre quebrando coisas, riscando as paredes. Aí quando comecei a ler, me aquietei. Minha mãe sempre que ia ao centro — eu morava em Pelotas — e me trazia um livro.

#### PRIMA

Nos anos 1960 havia uma coleção bastante popular, que se chamava “O mundo da criança”. Era uma enciclopédia e, como a minha prima já estava grande, ela me deu esse livro. Comecei a ler o primeiro volume, que era justamente de poesia. E aí foi aquela emoção: “Oh, meu Deus, o que é isso?” Não tinha lido poesia antes. E nessa enciclopédia americana, que foi traduzida para o português, tinham muitos autores de língua inglesa, entre eles o Robert Louis Stevenson e o Edward Lear, este último de poesia *nonsense*. E lembro que tinha bastante coisa engraçada. Meu primeiro contato com a poesia foi via essa poesia engraçada para crianças, com bastante brincadeiras de palavras. E daí para escrever foi um pulo.

#### PRIMEIROS VERSOS

Comecei a ler esses poemas da enciclopédia e a escrever os meus próprios versinhos. Para mim foi como desenhar, não via muita diferença, não achava que era uma coisa especial o que eu estava fazendo, mas ao mesmo tempo, era muito legal, porque escrevia os poeminhos e dava, sei lá, para uma tia, ou para minha mãe, e elas morriam de rir. É uma coisa muito legal fazer alguém rir. Então acho que isso me incentivou também, as pessoas achavam engraçado. E também tive a sorte de ter professoras de por-

tuguês que descobriram que eu gostava de escrever e me pediam textos. Lembro que isso foi uma grande emoção para mim. Acho que tinha uns dez anos, por aí, e a professora pediu para que eu escrevesse um poema sobre o Dia das Mães. Aí escrevi na aula mesmo, entreguei para ela, e no dia seguinte, quando cheguei no colégio, uma colega de aula disse: “Tu viu que o teu poema está lá embaixo no quadro de avisos, no corredor?”. Foi uma grande emoção ver meu poema escrito, estava em uma cartolina rosa enorme. Aí comecei a falar para as minhas colegas que meu livro ia sair no final do ano, que até chegar à sexta série eu lançaria. O poema foi parar no *Diário Popular*, que era o jornal de Pelotas, então fui publicada pela primeira vez aos 10 anos, há três décadas e meia.

#### ANA C.

Sempre fui a poeta da sala. A maluquete, poeta e tímida. Mas aí, no segundo grau, fui estudar eletrônica. Todos os meus amigos estavam indo para essa escola técnica, então acabei indo junto. Mesmo sem nenhum pensador para exatas, me lancei nessa carreira técnica. Não deu certo, mas quando eu estava lá aconteceu uma coisa muito interessante. Um colega de aula, que acompanhava a minha “carreira” de poeta, chegou e disse assim: “Olha, tem uma poeta aqui que eu acho que tu tem que ler, tu vai gosta dela.” Ele me entregou *A teus pés*, da Ana Cristina César. Eu tinha 15 anos. Nunca tinha lido nada parecido e imediatamente comecei a imitar a Ana Cristina Cesar,

#### HERÓIS

Lido um pouco mal com essa coisa de ídolo. Acho que não tenho muitos ídolos. Gostava da Sigourney Weaver explodindo aliens. Queria ser a Ellen Ripley [do filme *Alien*]. Nessa época ouvia umas coisas como

## UM ESCRITOR NA BIBLIOTECA

The Cure, The Smiths e o que eu conseguisse botar as mãos lá em Pelotas. Não tinha internet, YouTube, essas coisas. Então era o que aparecia. E gostava muito de matar aula para ir na loja de discos. Isso era um grande prazer para mim. Matava aula e ficava lá. Dava para pegar o LP, botar os fones e ficar ouvindo. Fiz muito isso. Acho que ouvi música com bastante atenção e então nessa época eu gostava muito de rock. Lembro quando ouvi Suzanne Vega pela primeira vez, fiquei bastante impactada, sobretudo porque gostei da poesia dela. Para mim, em termos de letras, ela é quem o Lou Reed. Ah, e a Rita Lee, obviamente. Rita Lee sempre foi muito importante para mim.

### LETRAS

Estava com 18 anos quando comecei a fazer o curso de Letras em Pelotas. E achei muito chato o curso. Talvez eu devesse ter perseverado um pouquinho mais, porque primeiro ano, de repente, é mais chato mesmo. Mas um dia estava numa aula de Teoria da Literatura e o professor, que era uma pessoa muito iluminada, falou assim: “Se vocês querem escrever, o lugar de vocês não é aqui”. Pensei que aquilo não era para mim mesmo. No meio de uma aula de Latim, um dia saí para comprar uma Coca-Cola e não voltei mais. Foi assim que larguei o curso.

### ESCÓCIA

Quando tinha 17 anos, fui passar dois meses na Escócia a convite de um professor meu de inglês. E adorei o país. Juntei dinheiro durante um ano e pouco para ir morar na Escócia. Mas durei seis meses lá, porque era muito difícil ser ilegal. Isso foi no início dos

anos 1990. Eu lavava louça em restaurante, cuidava de criança, foi uma experiência muito legal na verdade. Até procurei universidades para estudar, mas era muito difícil, especialmente se tu não tinha um visto.

### JORNALISMO

Aí eu voltei. Como gostava de escrever, de pensar o mundo e de viajar, decidi fazer Jornalismo. Comecei a estudar na UFRGS, em Porto Alegre. Mas também descobri que ali não era o lugar para escrever literatura. A minha mãe falava: “Tu faz o que quiser da tua vida, mas primeiro tu te forma”. Acabei me formando em Jornalismo mais para atender esse desejo da minha mãe, porque ela se esforçou para que a gente conseguisse estudar. O meu pai morreu quando eu tinha 18 anos, e ele nunca deixou a minha mãe trabalhar. Ele morreu de uma hora para outra. Então ela ficou meio assim... E meio que teve que se virar, ela pintava em porcelana, tinha feito alguns cursos, aí começou a pintar e vender isso numa feirinha de artesanato. E enfim, a duras penas ela conseguiu nos ajudar, nós somos quatro mulheres em casa. Eu terminei o curso. Durante a faculdade, que achei bastante enfadonha, li muito, usei muito a biblioteca. Nessa época já tinha internet e comecei a pesquisar umas coisas. Descobri, não sei como, Walt Whitman. Comecei a ler as coisas em inglês mesmo. Imprimia no centro de computação da faculdade, lembro que eram umas folhas enormes verdes, naquelas impressoras matriciais, que faziam muito barulho. Depois do Whitman, achei novas referências, de uma coisa fui para outra, até cair nos poetas beats. E foi



incrível. Fui tendo acesso a uma livraria que a gente não tinha até então em Porto Alegre.

### ESTADÃO

Fiz Jornalismo, mas na verdade nunca achava que alguém ia me dar o emprego de jornalista, porque, enfim, não tinha o perfil. Sempre fui meio retraída e não gostava muito de conversar com as pessoas. Aí tive que aprender a conversar com as pessoas, tive que aprender a fazer perguntas. Aprendi a fazer perguntas de maneira que as pessoas respondessem a informação que eu precisava. E,



sobretudo, essa coisa de escrever em jornal diário, de ter uma hora que tu vai ter que entregar o texto, não tem essa história de inspiração. Mas quando fui trabalhar no *Estadão* eu tinha a ilusão que eu ia para o Caderno 2, que ia escrever sobre música, livros — mais sobre música. Aí, já na primeira semana, estava na redação e me disseram que para entrar no Caderno 2 era só se alguém morresse. A equipe

era muito pequena. Meu primeiro emprego como jornalista foi naquela seção de cartas dos leitores. Eu era a pessoa que pegava as cartas, abria, porque mandavam muita carta pelo correio, e digitava, arrumava os erros de português e tal. Também tive uma breve passagem pela editoria de política e detestei. Aí fui cair no caderno de Cidades. E ali, por exemplo, eu tinha que ir à delegacia. Quando a filha do Sílvio Santos foi sequestrada, fiz plantão vários dias na frente da casa dele. O que me levou a me perguntar muitas vezes: “Meu Deus, o que eu estou fazendo da minha vida? Como eu vim parar aqui?” E na verdade esse momento de

“como eu vim parar aqui, o que estou fazendo da minha vida” acontecia pelo menos uma vez por mês. Foi por isso que larguei o jornalismo.

#### DESCOBERTA

Um dia, depois de ter feito uma oficina de poesia com o Carlipto Azevedo, tive uma iluminação de que “ok, eu quero escrever, mas não é jornalismo, é poesia”. Veja bem, aquilo tava na minha cara o tempo inteiro, era aquilo que eu estava fazendo desde pequena. Então é isso, bora largar o emprego e me dedicar à literatura. Liguei para minha mãe e disse que estava pensando em passar um tempo em Pelotas. Ela me apoiou. Seis meses depois, pedi demissão, entreguei meu apartamento. Aí voltei para Pelotas para organizar e terminar de escrever o que veio a ser o meu primeiro livro, que se chama *Rilke shake*.

#### INTERNET

Quando fiquei sabendo o que era um blog, acho que foi em 2001, logo criei uma página para mim, que se chamava *Terrible waitress* (garçonete terrível), por causa de uma música de uma cantora chamada Ani DiFranco em que ela dizia assim: “I was a terrible waitress, so i start to write songs” (“eu era uma péssima garçonete, então comecei a escrever canções”). Não sabia direito para que aquilo servia, quem ia ler de fato — e acho que durante muito tempo eu estava falando sozinha ali. Mas a coisa pegou no Brasil e muitas pessoas tinham blogs. Muita gente começou a publicar poemas nessas páginas. Nessa época comecei a conhecer pessoas que tinham blogs de poesia. ➔

## UM ESCRITOR na BIBLIOTECA



A primeira pessoa que conheci foi a Virna Teixeira, que é uma poeta do Ceará, e hoje mora na Inglaterra. Nos blogs sempre tinham links que indicavam outros blogs. E a gente clicava num e ia para outro, aquilo não acabava nunca e era maravilhoso, porque de uma hora para outra era possível descobrir pessoas de vários lugares do Brasil que escreviam, que não tinham publicado livros ainda, a maioria que não era publicada nem em revistas. Isso acho que mudou bastante a cena da literatura.

### RILKE SHAKE

Não escrevi o livro com a consciência de que estava fazendo poesia com humor. Acho que para mim isso é uma maneira natural de escrever e de lidar com algumas coisas do mundo. Senso de humor é uma coisa muito importante porque acaba sendo o que me salva. Mas acho que humor e ironia são coisas diferentes. Por exemplo, meu segundo livro, *Um útero é do tamanho de um punho*, tem muito mais ironia do que humor e leveza. Mas sobretudo é uma coisa minha, uma característica minha de estar constantemente achando coisas engraçadas e divertidas.

### UM ÚTERO

O segundo livro acho que é mais difícil que o primeiro. Mas esse fato de eu ter escolhido trabalhar com um projeto tem a ver com eu ter ido morar na Argentina. Fui morar numa cidade chamada Bahía Blanca, que fica no Sul da província de Buenos Aires e tem muitos poetas. Com eles aprendi a noção de poesia como trabalho, uma coisa séria. Os poetas de lá ficavam desenvolvendo seus pro-

jetos poéticos, trabalhando muitos anos em um único livro. Tenho uma amiga, Lucia Bianco, que estava trabalhando num livro chamado *Caça menor* há mais de 10 anos. Pensei que poderia ser bom fazer algo semelhante. Então para meu segundo livro, não queria pegar todas as coisas que já tinha escrito nos últimos anos e fazer como se fosse uma antologia, como no primeiro. Queria escrever sobre algum assunto importante para mim. E a coisa da mulher sempre foi um assunto para mim, por eu ser do interior do Rio Grande do Sul, por eu ser lésbica, por eu ter consciência disso desde muito pequena e por eu nunca ter me encaixado no modelo de mulher que era esperado, sempre me senti muito esquisita e questionava isso. Será que sou menos mulher porque não uso maquiagem, porque não uso saia? Mas o que é ser mulher, afinal?" Aí decidi que eu ia embarcar nesse tema. E acabei fazendo um projeto, de um programa que existia na época, que era o Petrobras Cultural, com bolsas de criação literária de um ano. Meu projeto foi aprovado e fiquei um ano lendo e tentando escrever os poemas do livro.

### POLÍTICA

Não sei se o artista tem que se posicionar. Não gosto de obrigar ninguém a fazer o que não está a fim de fazer. Então se alguém é artista e não está a fim de se posicionar, se alguém é pintor e quer pintar paisagens e não coisas mais políticas, para mim OK. Cada um sabe o que consegue fazer. Acho que ativismo político é muito importante e algumas pessoas fazem isso melhor do que outras. Sou uma pessoa bastante retraída, como eu

disse, a coisa de me expor nunca me agradou muito, mas essa coisa de ser mulher é política, então não tinha como escrever sobre ser mulher, sem cair nisso. Ao mesmo tempo, não acho que seja uma coisa ostensivamente política, a gente até poderia pensar no que é um poema político, mas a questão de ser mulher e dos requisitos que a gente tem que cumprir para ser mulher, é uma coisa bastante política.

#### OFICINAS

Descobri que gosto muito de dar oficina de poesia, de compartilhar leituras e de poder ser uma leitora também para as pessoas que estão começando a escrever. Queria poder ter feito oficina de literatura quando era mais nova, por exemplo. Poder oferecer isso para outras pessoas hoje é uma coisa que me deixa muito feliz. E sempre faço isso com a noção de que é uma troca e a gente está compartilhando coisas. Não estou em uma posição de professora, de dizer “isso está certo, isso está errado”, não, é de troca. E aprendo, claro, muita coisa, com as pessoas que fazem as minhas oficinas. E o fato de dar oficina também me faz estudar o tempo inteiro. Enfim, tem sido uma experiência bastante feliz para mim. E sempre gosto de deixar claro que escrever é uma prática e cada um tem o seu caminho. Temos que ir atrás das coisas que a gente quer dizer — e de como a gente vai dizer, pois isso é um trabalho que nunca acaba. Não é porque se escreveu um livro, que aí saber como fazer o próximo livro. Não tem um mapa, uma indicação, na verdade se tu escrever um poema, não tem como usar esse poema como modelo para o próximo texto, é tudo do zero de novo.

#### PRÓXIMO LIVRO

Estou com 45 anos na cara agora e só tenho dois livros publicados porque sou devagar mesmo. Agora, por pura pressão, de amigos, familiares e da editora, vou lançar um livro em março de 2019. Tenho um trabalho bem grande pela frente, que é olhar para aquilo tudo que escrevi desde *Rilke shake* e que não entrou em *Útero* e escolher o que vai ser o livro. Escrevi nesse meio tempo várias séries de poemas ou de livrinhos, então acredito que esse livro vá conter vários outros livros dentro dele. ■



CONTO | LUIZ ROBERTO GUEDES

# LIGADOS CAVALEIROS DAS LETRAS

PARA ARIOSTO  
AUGUSTO DE OLIVEIRA

**A** TRADICIONAL CANTINA SAN PIETRO É O RECANTO preferido de certo grupo de escritores para seu encontro mensal. Embora gostem de experimentar restaurantes estrelados, os confrades sentem-se em casa no ambiente familiar da *vecchia* taverna da Bela Vista.

A careca de Lauro Di Ungaro, filho do fundador, resplende em numerosas fotos emolduradas, ao lado

de craques do futebol, narradores esportivos, atores, cantores, compositores, personalidades da televisão e subcelebridades momentâneas. Nesse pequeno rol da fama há uma foto dele com os escribas, no almoço em honra do diplomata e literato Saulo Santorino. A tábua redonda congrega uma autodenominada Liga dos Cavaleiros das Letras:

- ✘ Breno Fontana, escritor e roteirista de cinema;
- ✘ João Rodolfo Prado, criador de

sólida trilogia sobre quatro gerações de uma família operária;

- ✘ Murilo Meireles, escritor e autor de minisséries de TV;

- ✘ Saulo Santorino, novelista de temática homoafetiva;

- ✘ O ficcionista negro Samuel Lemes, autor de *Toque um samba-canção*, romance ganhador do Prêmio Machado de Assis;

- ✘ Alvanor Salgueiro, romancista pernambucano, herdeiro cioso da literatura viril de Hermilo Borba Filho;

- ✘ Sebastião Vilanova de Malta,

juiz aposentado e autor de novelas policiais, criador do delegado Dr. Ruy Rocha, que virou série de TV;

✘ E, *last but not least*, Josué Peregrino, poeta bissexto e autor de literatura juvenil com um pé no fantástico, esse que acaba de chegar à cantina, um tanto atrasado para o almoço de janeiro.

Avistando os comparsas — Fontana, Meireles, Prado e Salgueiro —, Peregrino tira o chapéu panamá e exclama “saludos, amigos”, com um cômico sotaque mexicano, e aí nota o olhar estranhamente duro que Murilo Meireles lhe atira. “Será que estou tão atrasado assim?”, tenta atinar com o motivo. “Ora, só meia horinha. Não é almoço de negócios. Todo mundo aqui é senhor do seu tempo.”

Aperta cerimoniosamente a mão de cada um, pendura o paletó de linho no espaldar da cadeira e toma seu lugar.

— Nós já pedimos — Meireles avisa.

Peregrino acena para o histórico garçom/sósia do escritor João Ubaldo Ribeiro, pede um *spaghettini* com molho à bolonhesa, e começa a empastar uma fatia de pão italiano com o patê de ervas finas.

— Cadê o Tião? — Meireles o interpela. — Você não ficou de trazer o velhaco?

— Eu tentei. Liguei pra ele, insisti. Não teve jeito. Ele deu mais uma desculpa: disse que vai acompanhar os netos dele num passeio ao zoológico. Falou que anda mais interessado em bichos do que em gente.

Peregrino vê Meireles entortar a cara, contrariado. Faz tempo que Dom Sebastião vem declinando dos convites. Parece ter desertado da confraria.

O motivo, não se sabe. O homem é um bastião impenetrável: não tem e-mail nem celular, e não gosta de muita conversa ao telefone.

— E como está o nosso meritíssimo amigo? — Alvanor Salgueiro tem grande afeição pelo velho ogro de Malta.

— Contou que vai receber a visita de uma mulher de Mato Grosso. Vai passar o fim de semana “engalfinhado em refregas eróticas” — Peregrino imita o timbre rouco de Tião.

— Tá bom — Meireles resmunga. — Até parece que ele ainda dá no couro, com setenta e três anos no lombo.

Ninguém diz nada. Todos eles já dobraram há muito o cabo dos cinquenta anos, e divisam no futuro um vasto deserto afetivo.

— Como vão as coisas, Peregrino? — Breno Fontana bate em seu ombro.

— Estou preparando um livro de contos pra um concurso nacional. Tem que ser material inédito. Vou escrever pelo menos cinco histórias novas. Mande um desses contos pro Murilo, por e-mail. Não sei se ele teve tempo de ler.

Meireles não dá sinal de ter ouvido a deixa do confrade. Continua parolando com Prado e Salgueiro, reportando sua recente viagem ao México, para o festival de cinema de Guadalajara.

— E no capítulo trabalho? — Fontana manifesta agora maior deferência, desde que Peregrino se dispôs a ler seu romance inédito e dar sugestões valiosas.

— Fazendo uns frilas pra uma agência de publicidade, escrevendo uma crônica mensal pra uma revista dirigida. A boa notícia é que um amigo pretende lançar uma chapa pra

concorrer à diretoria do sindicato dos publicitários, e me chamou pra participar. Estou esperando ter uma reunião com ele.

— E o que você espera conseguir com isso?

— Um subemprego fixo. Uma entrada regular de dinheiro, pra matar as contas mais torturantes. E ter algum sossego pra escrever as minhas coisas.

Fontana balança a cabeça com descrédito:

— Pra ter o quê? Uma mesa e um telefone? Desculpe, mas acho isso um projeto medíocre.

Peregrino não acha resposta, prefere servir-se da garrafa de vinho. E interrompe a narrativa de Meireles, no exato momento em que uma escritora do Colorado sussurrava “Kiss me, brazilian boy”, na noite enluarada de Guadalajara.

— Murilão, chegou a ver aquele conto que te mandei por e-meio?

— Vi. Você aproveitou uma historinha do bar Tresnoitado, um lance com aquela garçoneite gostosona, como era o nome dela?

— Martha. Com “th”.

— Essa mesma. Um bucão. Queria ter dado um picote nela. Mas você deixou de lado o tema do conto, e armou um desfecho que não funciona, eu acho. É por isso que não gosto de escrever sobre experiências pessoais. Prefiro partir do zero, inventar tudo.

— Sim, mas aquele incidente não tem enredo, não tem conflito, é quase nada. Eu quis fechar o círculo de maneira casual. Um exercício.

— Pois é. Da próxima vez que ficar empacado com uma história, mande pra mim que eu termino pra você — Meireles finaliza.

## CONTO | LUIZ ROBERTO GUEDES

Peregrino se pergunta se o vinho já subiu à cabeça do amigo, mas ainda estão na segunda garrafa. Enquanto pondera se aquela frase é apenas uma gabolice tola, ouve Meireles declarar aos seus pares:

— Ele é um poeta, escreve direitinho, mas não tem nada pra dizer.

Ninguém diz nada. Peregrino não acha o que dizer. Fica mirando na parede uma foto de Lauro Di Ungaro abraçado ao ator Zé Celso Martinez Corrêa. Só consegue pensar que, se aquilo for uma piada, é estupidamente grosseira. E, se for verdade, tem a delicadeza de um megalossauro. Ou *murilossauro*.

João Prado muda o rumo da conversa:

— E você, Murilo? O que anda escrevendo?

— Martelando uma minissérie bíblica pra televisão do pastor. *Reis e Guerreiros da Terra Santa*. É foda, camarada. Vou ter que encher muita linguça pra entregar sessenta e tantos capítulos.

— Não, quero dizer literatura mesmo.

— Ah, bom. Comecei a escrever uma coisa que... se eu levar em frente... vocês todos vão beijar a sola do meu pé. É um romance. E o fantasma de Graciliano Ramos é um dos personagens. Não posso dizer mais nada. Não gosto de falar sobre o que estou escrevendo.

O garçom/sósia de João Ubaldo chega com os pratos, serve os cavalheiros e lhes deseja bom apetite. Peregrino pendura no peito o babador de papel com logotipo da Cantina San Pietro e ataca vorazmente seu espaguetinho, enquanto Meireles recomenda o filme *Diário de um jornalista bêbado*, baseado no romance de Hunter S. Thompson.

— Gostei mais do livro — Pere-

grino aparteia, de boca cheia, certo de que vai causar estranhamento.

Ao ver a expressão inquisitiva de Meireles, ele esclarece:

— No livro, a moça tira o vestido branco, dança nua na festa, e o autor informa que ela tem um belo *tufo* entre as coxas. No filme, a moça não tira o vestido, não dança nua, e não tem tufo nenhum.

Meireles emite um silvo depreciativo:

— Quer ver pentelho em filme da Disney... Pois sim.

— Pois é, eu também achei que a Disney não tem nada a ver com Hunter Thompson — Peregrino conclui a resenha, e continua a enrolar seu macarrão com o garfo.

Agora, João Prado diz que ficou sabendo, de fonte segura, que a editora Zakarian & Kirinus vai fechar as portas.

— Também já soube — Meireles confirma. — É pena. Publiquei um único livro na ZK, meus microcontos, e foi a edição mais bonita que já tive.

Disposto a meter a colher na conversa, Peregrino indaga:

— A bela Isabela de Holanda ainda trabalha na casa?

— Fale baixo — Meireles o repreende. — Fale baixo.

— Ué! Qual é o problema de eu dizer “Isabela de Holanda”? — Peregrino rola as sílabas líquidas.

A cara habitualmente *blasé* de MM converte-se numa carranca irada:

— O problema é que você faz muito alarido. Nós somos conhecidos. As pessoas olham e dizem, ‘aquele é o Murilo Meireles, aquele outro é o Breno Fontana, aquele lá é o João Rodolfo Prado, o outro é o Alvanor Salgueiro’. E você sempre chamando a atenção.

Surpreso com o destemperado de MM, Peregrino olha em torno, para verificar a presença dessa plateia deslumbrada. O salão principal da cantina está quase vazio. Só duas mesas ocupadas num canto, e os comensais concentrados em ferrar o estômago.

Cada vez mais emputecido, MM desafoga o peito:

— Você sempre fez muito alarido. Como naquela vez, na pré-estreia do filme do Fábio Stefanelli. Estávamos conversando com ele, quando duas mulheres vieram em nossa direção. Eram a mulher e a filha do Fábio. Eu sabia que você ia dizer alguma merda, tentei te dar um toque, mas não adiantou. — E MM volta-se para os amigos. — Sabem o que ele fez? Me deu uma cotovelada e falou: “Olha só que gatas, Murilão”. E teve aquela vez em que a mulher que eu mais amei na vida foi me procurar no Tresnoitado, depois de meia-noite. Ela rompeu um noivado pra ficar comigo. Vocês nem imaginam o que ele fez.

Peregrino arranca o babador de papel, pega o cachimbo e o pacote de fumo no bolso do paletó e comunica:

— Como já conheço essa história, vou fumar lá fora. Assim você fica mais à vontade.

Quando retorna, ainda ouve MM rematando o relato:

— Ele bebia, cheirava pó e puxava fumo com os músicos do bar, no porão do sobrado. E repetia sempre o mesmo bordão: “Desculpe, eu já bebi”.

Peregrino flagra o sobressalto de Breno Fontana, ao vê-lo de volta. Visivelmente embaraçado com a virulência de MM. Retoma seu lugar e os confrades permanecem em silêncio, de cabeça baixa, enquanto MM tenta dis-

farçar, selando a crônica derrisória com um fecho inofensivo:

— Visitei o túmulo dele no cemitério judeu de Praga. Coloquei uma pedra ao pé da lápide, seguindo o costume. Ainda vou aprender alemão pra ler Kafka no original.

Peregrino bebe vinho e rememora a pergunta que Martha, ex-garçonete do Tresnoitado, lhe fez há algum tempo, na cama, fumando um cigarro:

“Tem notícia do nosso amigo Murilo?”

“De vez em quando. Ele é bem ocupado, viaja muito por aí, dando palestra e oficina de roteiro.”

“Ele continua aquele cara bacana que a gente conheceu... ou já virou estrela?”

Os confrades dão risada com João Prado recordando um incidente engraçado, envolvendo escritores africanos, no metrô de Berlim, por ocasião do festival Berlimale. Alvanor Salgueiro comenta que não conhece Berlim, só esteve na feira de Frankfurt, mas está de viagem marcada para Barcelona, junto com a namorada. Vai visitar sua filha estilista, que faz muito sucesso por lá.

— Sua namorada é uma pintora fantástica — Prado sabe ser gentil.

— Ah, eu terminei com a pintora. Minha namorada agora é psicanalista. Mais madura, centrada. Chega de maluquice.

Peregrino considera se deve dizer que anda pensando em passar uma temporada em São Thomé das Letras, MG, para caçar OVNIs, mas percebe que poderia soar como sarcasmo. Em vez disso, menciona que sua filha mais velha vive na Califórnia, que foi convidado a conhecer seu neto, nascido em San Diego, mas que gostaria de ir pri-

meiro a Liverpool — “numa peregrinação religiosa”, assinala.

— Você vai ser humilhado quando for pedir visto no consulado americano — MM observa.

— Ora... por quê?

— Porque você não tem emprego fixo, holerite, comprovante de renda. Além disso, você não é branco.

Peregrino não compreende como o antigo estilo irônico de MM pode ter se tornado tão ácido nos últimos anos. Dá de ombros:

— Ninguém no Brasil é cem por cento branco. Lembra do filme *Brincando nos campos do Senhor*, do Babenco? Nelson Xavier faz um padre mestiço, que diz à missionária Kathy Bates: “Daqui a duzentos anos, o mundo inteiro terá a minha cor, madame”. A avó de minha mãe deve ter sido uma índia pataxó da Bahia. E meu neto gringuinho carrega esse DNA índio. É o *melting pot*, camarada — e Peregrino ergue sua taça vazia: — Fornicando venceremos.

MM não retruca, chama o garçom Ubaldo e comanda mais uma garrafa de vinho. Prado realiza a proeza de nova intervenção tática:

— Falar em filme, o que você anda fazendo, Breno?

— Escrevendo o roteiro do próximo “longa” do diretor Fernando Montezel. Ele comprou os direitos de um livro chamado *A datilógrafa*, de Afonso Schmidt, um escritor comunista. A história de uma escritora pobretona e descasada, que se fode de verde-amarelo durante o Estado Novo. Letícia Sabatella vai fazer o papel.

— Opa, isso vai dar prêmio.

— Não sei. Já mexi duas vezes no roteiro, e o putro continua pedin-

do alterações. Vou mexer pela última vez e mandá-lo tomar no cu. Vá encher o saco de outro.

Então o garçom Ubaldo traz a conta, MM faz a divisão na calculadora do celular, e Peregrino se dá conta de que acaba de consumir o espaguete à bolonhesa mais caro do hemisfério sul. Por fim, os cavaleiros das letras trocam abraços e beijos na calçada, sob o grande brasão pendente *Cantina San Pietro – Desde 1971*. Cada qual toma um táxi, rumo ao seu compromisso, e o pedestre Peregrino sobe cachimbando a Brigadeiro Luís Antônio, a caminho de seu pombal na avenida.

Procura ocupar a mente com o encontro mais importante dessa sexta-feira. Martha virá passar a noite com ele, depois da faculdade. A noite e o fim de semana. No sábado, ela vai cozinhar uma costela com salsinha, um arroz com coentro. Se ela perguntar como foi o encontro com seus confrades, ele vai dizer que o preço do banquete ficou muito indigesto. Duro de engolir. Vai ser obrigado a cancelar de vez esse almoço com os escribas. É motivo de força maior.

Tão justo quanto as possíveis razões do meritíssimo Tião Vilanova de Malta para dispensar a confraria da Cantina San Pietro. ■

---

**LUIZ ROBERTO GUEDES** nasceu e vive em São Paulo (SP). É poeta, escritor, cronista e tradutor. Publicou, entre outros, a novela histórica *O mamalucovoador* (2006), o livro de poemas para crianças *Planeta Bicho* (2011) e as coletâneas de contos *Alguém para amar no fim de semana* (2010) e *Como ser ninguém na cidade grande* (2018). Suas obras *Treze noites de terror* (2002) e *O livro das Máquinas Malukas* (2007) foram adotados pelo PNBE (Plano Nacional Biblioteca na Escola).

CONTO | CARLOS EMÍLIO CORRÊA LIMA

# DIÁLOGO NO MEDITERRÂNEO ANTERIOR

O dia de hoje tem quimeras acondicionadas em piscinas térmicas, vozes proliferam em ramos giratórios que procuram o sol posterior dos universos... E você come as próprias mastigações do espaço como se fosse comida oriental do Vesúvio, trazida para ele em naves aéreas invisíveis. Você sabe do velho rito das térmitas, cor de sibila, ventre de pó, qualidades sem luz que almejam, simplesmente almejam. Você por ali, na boca do Vesúvio escrevendo canções na argila tensa do animal adormecido, nas bordas dele gravando e estipulando o livro sobre os alpinistas desconhecidos. Houve quarenta canções que você enfeixou num caderno primordial antes do dilúvio e que eu sempre procurei achar, eram sobre deuses da criação, deuses partidos por flores muito rápidas de aflição perdidas na atmosfera antes das primeiras escolhas urbanas da mente geográfica. São coisas que não se dizem facilmente, que precisam ser procuradas com os estiletos-ramos dessa montanha quase sucumbida em ternas mortificações. Você achou, por causa de um sonho, um dos dentes secretos numa cidade intensíssima, guardado num cofre de um banco de espíritos, era um dente irrealmente gigantesco, carcomido, mas perseverando ainda inscrições remotas com listas de objetos cantados cujas funções muito raras ainda não compreendemos. Não sabemos porque aquele povo só conseguia desempenhar sua escrita na superfície comandalisada por estrelas rombudas desses dentes espalhados como sementes de futuras montanhas videntes. Esses 40 dentes enormes haviam caído na Terra em regiões sacerdotais. Tudo antes do dilúvio, antes do amortecimento dessas velhas canções ampliadíssimas. Um dente de ouro concreto, cernudo, dentro dele um dia imensamente roubado. Um dia com seu sol perpendicular e sua lua despregada com suas paliçadas a esmo. Correntezas em tiras escritas. O dente escutava tudo o que não existe, como se tivesse braços para remar em si mesmo, na

sua memória de líquidos de ventilações de reflexos. Den-  
tições de um ser-universo que não sabemos a forma, a  
ecossistência, a orientação de seus fluimentos, suas indi-  
zíveis e prováveis muitas cabeças à beça. E o dente era co-  
roado à distancia, com gritos muito fios finos retilintando  
potências degladiando-se. Você passava a mão complexa  
distintiva com seus muitos dedos raiados entre os cabelos  
em expansão, com renitências, as pupilas se amplifican-  
do, piando. Descia do Vesúvio para almoçar na planície já  
com seus próprios dentes, mandíbulas pensantes, com to-  
das aquelas imagens na cabeça. Que ser tão gigantesco fora  
aquele que tivera seus dentes espalhados pela Terra? Te-  
ria sido sacrificado num barco sem limites? Sua pele seria  
este céu que brilha por nós estrelado? Você foi mais e mais  
se propondo a escrever, traduzir as canções, uma canção  
irredutível para cada dente, remotizando aos poucos as  
tradições das escritas sobre o marfim sincopado de silên-  
cios surpreendidos no ápice de sua duração, aumentados.  
Mas você tinha o encontro prosaico, urgia o que perfazer.  
Almoçar no restaurante de atmosfera congelada, perto do  
mar. Conversar com a amiga recém-chegada da ilha anti-  
ga, onde vivia entre tigres e pavões, num bosque no meio  
das águas, preparando azuis e suas músicas de povoamen-  
to estelar. Ela sabia criar novos meios de transporte camu-  
flados dessa música, com suas peles místicas acolchoadas,  
elevadíssimas, sempre em suspensão de sorrisos-naves  
e encantações autogeradas. Agora ela chegara, a de alma  
submarina. Você recebera o aviso-fonema no alto do vul-  
cão, convidando-o para a refeição de conversações gira-  
tórias onde você se ampliaria notório no meio de estórias  
contemplantes. Num baque de armazéns com suas vér-  
tebras de adegas. Era melhor descer das bordas do vulcão  
para escutar o que ela lhe tinha a dizer com suas muitas  
vozes de propulsão entoada. Os dentes de granito, de ouro,  
de prata, todas essas camadas minéreas superpostas com  
seus estampidos acondicionados dentro, em suspensão, os  
dententes chamavam de longe, em ecoações. Urgia encon-  
trá-los, aos outros que faltavam, um por um, urgia prepa-  
rar as expedições cromáticas, coribânticas em suas outras  
39 direções entrelaçadas, fazer o tecido de preces, bordar  
com os fios dos horizontes vocálicos. Adênia chegara pra  
informá-lo de cada princípio de ecoação de cimos imotos,  
ela viera para se autodescrever como um périplo ao seu si  
mesmo, de perfume comprimido.

Trouxera-lhe a lista que você tinha que cumprir  
aguardanapada, num papel de saliências e declives mi-  
niaturizados, toda uma região, topografia minuciosa de  
uma recurvada planície, uma “pnamide”, de antes do di-  
lúvio na palma da mão e sobre ela a escrituração da lista

ainda vaga, com as incumbências e algumas indicações sobre instrumentos raros de prospecção onírica para os preparativos da expedição simultânea a si mesma. O salão do grande hotel envidraçado estava em plena festa do meio-dia. Comeríamos medulas untadas de unguentos, azeites nos fariam cantar o hino silencioso dos ossos? Preparava-se desde ali uma construção muito sutil, quase espectral naquele restaurante à beira-mar através de refeições; toda aquela culinária e digestões resultantes seriam uma forma de construir alguma coisa muito intensamente além de si, alguma coisa até então impossível de acontecer nós preparávamos sem saber, cozinheiros, garçons, comensais, hóspedes, fumantes nas laterais do salão translúcido. O que sabíamos mesmo de qualquer coisa, de si e do mundo? O que sabíamos do que não sabíamos? Mas não fora sempre assim desde que iniciara suas idas diárias ao vulcão sonolento, pensante útero dissolvente, incandescente de tantos corpos de suicidas fugidos das palavras e de comediantes acidentados, fervendo muitas almas ali, transformadas em fumaça. Toda a semana de novembro voltava de seus passeios ígneos sozinho, e almoçava apenas com sua mente, sem sequer rabiscar anotações onduladas no guardanapo de linho dócil. Mas hoje avistara do alto do vulcão o seu balão, o elo dela, da inconquistável senhora, flutuando indicativo, provável que cheio de vogais futuras, ali, ancorado na praia, destro ao perfil náutico do hotel viajante. Ela chegara, como uma incisão no espaço, uma hélice muito rápida e profunda dinamizava-se na atmosfera, vaporizando-se a cantar e a equilibrar pássaros ao longe, aquecendo formas mais que futuras. Com suas pupilas de tilintação seus olhos exuberavam sua presença por todos os lados, os cintilantes pratos de porcelana ancestral e copos de cristal, como se cortados ao espaço, empilhados, zuniam azucrinados dela, sentiam sua presença num êxtase compressivo. Tudo que era sólido, material, se esmerilhava, se interagia com suas moléculas e com seus átomos que repercutiam mais sem hiatos, vibratoriais orações sem intervalos, todos os artefatos esmerados, tudo aquilo que fora fabricado dos proliferados materiais da Terra, ficava mais nítido, bem para dentro do into espaço, intocabilizando-se por réstias íntimas de segundos palpebrados, um vento neutral de deuses ao inverso equalizava-se com restâncias, babas, formigas sem antenas, uma vestimenta incorpórea era preparada gota a gota evaporada para toda a cidade balneária. Uma baleia viva era pouco a pouco atraída do fundo do mar por toda aquela cidade, com seu livro de tímpanos, interior, com suas páginas estomacais folheadas por intermitências de buscas ao abismo, ventiladas.

Trouxera ela algo de novo ao espaço? A boca entreaberta pronta para a divulgação do “neome” da coisa intromissiva, desengavetada do interior químico do espaço, um bago de uva visionário, alado, saindo-lhe de entre os lábios, borrifando quandos, num vapor.

De onde viera aquela sensação de que ela era alguma coisa a mais de si mesma, assim feminina com seus vestidos auto-envolventes de dançarina súbita? Fora descendo os flancos timbrados pelas sombras das nuvens pesadas casadas com o vulcão que percebera que não a conhecia inteiramente, a essa irmã mais velha, sempre mais a leste do que ele, quase irreal porque nunca perto. E agora, essas visitas. O que desejava, ela que tanto se afastara dele todos esses tempos, pelos seus estudos de levitação, em seus estúdios arbóreos, em meio aos seus jogos metafísicos com nuvens marítimas, naquela ilha que ia construindo aos poucos extravasando os aterros ao redor como de si mesma, aracnídea, alimentando-se com o improvável de novos frutos genéticos de seu bosque palaciano, isolada no meio do grande arquipélago no golfo do mar altíssimo, acima do horizonte?

O que queria dele, mesmo, relatar? Somente dos pontos onde caíram os dentes do imenso ser de antes do dilúvio vinha ela lhe falar? Evadia-se algo dela que não percebíamos, ainda. Era preciso cautela milenar, aprendida com o sangue e com o mar. ■

---

**CARLOS EMÍLIO CORRÊA LIMA** nasceu e vive em Fortaleza (CE).

É escritor, poeta, ensaísta, jornalista, professor e editor. Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, publicou os romances *A cachoeira das Eras* e *Pedaços da história mais longe*.

POEMA | RUY ESPINHEIRA FILHO

O

S

D

R

T

N

I

O

EM PARCERIA COM MACHADO DE ASSIS

I

Logo que sua mãe morreu,  
Dom Casmurro foi visitar a casa  
da infância e juventude,  
porém ela, a casa,  
a casa toda,  
o desconheceu.

II

No quintal, nada sabiam dele  
a aroeira, a pitangueira, o poço,  
a caçamba velha e o lavadouro.  
O tronco da casuarina,  
que ficava ao fundo,  
em vez de reto,  
como outrora,  
tinha agora um ar de ponto de  
interrogação,  
como se pasmasse diante  
do intruso.

III

Correu, então, o Dom, os olhos  
pelo ar,  
buscando algum pensamento que ali pudesse  
ter deixado  
e não achou nenhum.

IV

Também não entendeu  
o sussurro da ramagem,  
que sugeria ser a cantiga  
das manhãs novas.  
E o grunhido dos porcos lhe pareceu  
uma espécie de troça concentrada  
e filosófica.

# V

Sim, tudo estranho, estranho.  
E então deixou,  
o Dom,  
que demolissem a casa.

# VI

Bem, fico pensando nesse homem  
do Capítulo CXLIV  
e encontro a mim mesmo em casas e cidades  
idas e vividas. O intruso,  
o estranho  
que elas jamais viram antes.  
Porque, na verdade, não sou  
quem ali esteve e viveu. Sou  
outro,  
outro ser e outra  
vida.

# VII

Não pode, pois, haver reconhecimento.  
Nem de mim nem de qualquer  
na mesma condição. A menos  
que tenhamos deixado Argos  
à nossa espera,  
pois, mesmo quase cego e coberto  
de sarna e pulgas,  
nos receberá com seu último alento  
e nossa última lágrima.  
Argos, apenas ele, que,  
na verdade,  
não reconhece o intruso e sim  
o que nele, cão, nunca partiu...

# VIII

Mas, afinal, quantos de nós merecem  
essa fidelidade de milênios?

# IX

Não pode haver diversa conclusão:  
acabamos sendo,  
todos,  
aquele do Capítulo CXLIV,  
que se retira como desconhecido porque  
nunca realmente esteve ali.

# X

Foi outro quem ali esteve,  
outro.  
E o que vem, o intruso,  
não consegue enganar a casa,  
a aroeira, a pitangueira, o poço,  
a caçamba velha, o lavadouro,  
a casuarina,  
a cantiga da ramagem e a sabedoria irônica  
dos porcos,  
que não acreditam em fantasmas.

---

**RUY ESPINHEIRA FILHO** é poeta, romancista, professor,  
cronista e jornalista. Tem mais 20 livros publicados, entre eles  
*As sombras luminosas*, *Elegia de agosto*, *Memória da chuva*, *Sob o  
céu de Samarcanda* e *Um rio corre na Lua*.

CAPA

REPRODUÇÃO



O ENIGMA  
**JOHN FANTE**

REPRODUÇÃO

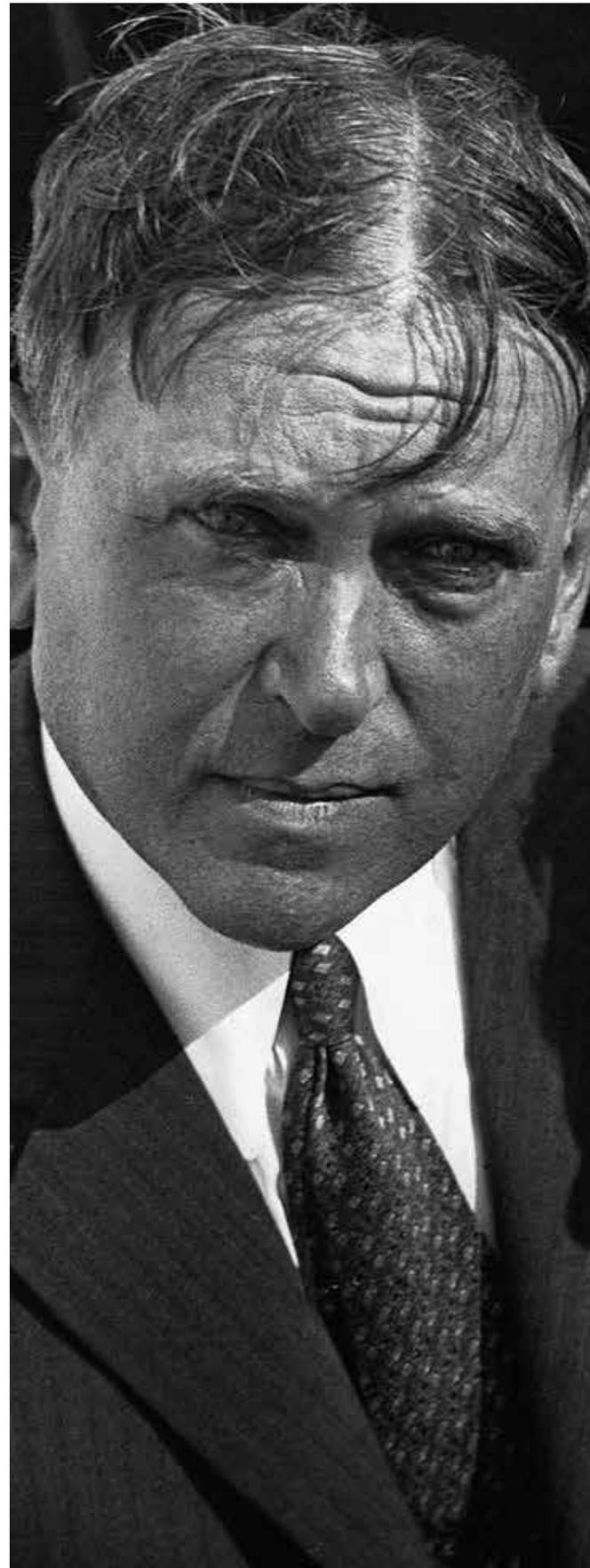
**Há 80 anos o norte-americano publicava *Esperem a primavera, Bandini*, romance que deu início a uma trajetória literária cheia de percalços, cuja redenção veio apenas no final da vida do autor**

ROBERTO MUGGIATI

**E**m 1938, depois de quase dez anos lutando pelo reconhecimento como escritor, John Fante publicava seu primeiro romance, *Wait Until Spring, Bandini* (*Esperem a primavera, Bandini*). Fortemente autobiográfico, segue o modelo da época para romancistas principiantes, o “retrato do artista quando jovem”. *Esperem a primavera* introduz o alter ego de Fante, Arturo Bandini, que apareceria ainda em três outros romances. Narra sua vida asfixiante numa cidadezinha do Colorado, numa casa pequena com os pais pobres, dois irmãos e uma irmã. O jovem escapa da dura realidade almejando a glória como jogador de beisebol, com sua canhotia iluminada.

Fante nasceu em 8 de abril de 1909 em Denver, Colorado, filho dos imigrantes Nicola Fante e Maria Capolungo, respectivamente dos Abruzzos e da Lucânia, regiões do sul da Itália. Estudou em várias escolas católicas de Boulder, passou rapidamente pela Universidade do Colorado e em 1929 largou tudo e foi morar em Los Angeles, com o objetivo de se tornar escritor.

Foram anos difíceis — no bojo da grande Depressão econômica que



O impiedoso crítico e editor americano H.L. Mencken fez críticas aos contos iniciais de John Fante, mas ajudou o jovem autor a publicar seu primeiro livro, *Esperem a primavera, Bandini*.

atingiu milhões de americanos ao longo dos anos 1930. Mas Fante perseverou e acabou alcançando o que almejava. Tinha 20 anos quando se instalou em Los Angeles. Enfurnado num quarto de hotel barato, de repente se deu conta de que, para se tornar escritor, precisa conhecer um pouco mais da vida. Submeteu sem sucesso vários contos à revista literária *The American Mercury*, dirigida pelo conceituado intelectual H. L. Mencken. Um dia, Mencken aprova condicionalmente a história “Altar Boy/Coroinha”. A extensa troca de cartas cria um vínculo entre eles e Mencken ajuda Fante a publicar seu primeiro romance, *Esperem a primavera, Bandini*. Em 1939, Fante publica um segundo romance, *Ask the dust* (*Pergunte ao pó*), sua obra mais representativa, também protagonizada por Arturo Bandini. Em 1940, ele lança ainda uma coletânea de contos, *Dago red*, algo como *Tinto carcamano*, referência ao vinho barato que bebiam os imigrantes italianos e seus descendentes.

Vem então a Segunda Guerra Mundial e nem se pode dizer que os livros de Fante caíram no esquecimento; eles não haviam causado a menor impressão no mercado editorial americano. Um detalhe desconhecido foi revelado pela filha de Fante, Victoria Fante Cohen, em 2009: “Os editores de papai, Stackpole Sons, publicaram, em 1939, uma versão não-autorizada de Mein Kampf e Hitler os processou. Por isso, não houve dinheiro para promover *Pergunte ao pó*.”

Nos anos 1940 Fante insiste na literatura, com um sonho todo seu: “A história do filipino na Califórnia ainda não foi contada. E eu vou contá-la. Meu romance será para os co-

## CAPA

lhedores de frutas filipinos, o que *As vinhas da ira*, de John Steinbeck, foi para os americanos pobres que fugiram da seca no Meio-Oeste. *The little brown brothers* será uma história fanfarrona e romântica de um povo pequeno, mas orgulhoso, que é massacrado pelo mais cruel sistema de classes e de tabu racial que já existiu. Mas não vou contá-la dessa maneira. Vou fazer do pequeno filipino um herói. Eu entendo os filipinos, gosto deles. Consigo enxergá-los porque sou latino também.”

Depois de mandar ao seu editor uma amostra das primeiras cem páginas do livro, Fante passou a viver uma temporada tensa. Corria todo dia à sua caixa de correios em busca de uma resposta. Quando ela veio, com o manuscrito devolvido, foi arrasadora. O editor detestou o texto, no fundo ele não simpatizava com a ideia do livro. Stephen Cooper, autor de *Full of Life: A biography of John Fante* (2000), lamenta: “Fante revelou verdades sobre a sociedade americana que persistem até hoje e mostrou que o tecido desta sociedade está carregado de tensão racial.”

Abandonado o projeto filipino, Fante reúne forças para uma nova tentativa, o romance *1933 foi um ano ruim*, protagonizado por um segundo *alter ego*, Dominic (Nick) Molise. Os originais são prontamente devolvidos pelo editor com um bilhete sarcástico: “Mr. Fante, o senhor perdeu a sua embocadura...”

Foi um golpe brutal para sua autoestima. Segundo seu filho Jim, “ele passaria o resto dos anos 1940 bebendo, jogando golfe, jogando pôquer e escrevendo roteiros, coisa que detestava.” Em carta a uma amiga,

o escritor desabafa: “Esta noite estou mal, mal para morrer. Bêbado a noite inteira. Eu choro pela humanidade. Homens perambulando pela terra. Homens em suas pequenas casas com suas pequenas mulheres e seus filhos, escondendo-se do mundo. Algo se faz necessário, uma onda de excitação, alguma maneira de enganar a morte.”

**RESSURREIÇÃO**

Em 1937, Fante casou com Joyce Smart e teria com ela três filhos e uma filha. Com uma família a zelar, Fante resolveu correr atrás do dinheiro. Entregou-se ao que chamava “o emprego mais desprezível no reino de Cristo”: escrever roteiros para o cinema. Apesar do temperamento sanguíneo, Fante soube se comportar e trabalhar com eficiência, roteirizando sete filmes de sucesso entre 1952 e 1969. Adquiriu um espaçoso rancho em Point Dume, Malibu, onde seus filhos cresceram em plena liberdade. Mas um homem que renega seus sonhos acaba pagando um preço por isso. No caso de Fante, o preço foi brutal. Já em 1955 ele exibia um quadro de diabetes que acabaria provocando a perda da visão e a amputação dos dedos dos pés; depois dos próprios pés e das pernas em 1977. Cego e mutilado, Fante foi agraciado finalmente por uma ressurreição espetacular em 1980, quando foi relançado *Pergunte ao pó*, pela Black Sparrow Books, uma editora de Boston criada em 1966 basicamente para publicar os livros de Charles Bukowski e de outros autores alternativos. Para se ter uma ideia de como as obras de Fante estavam fora do mercado, o editor John Martin, para republicar o livro, teve de re-

Charles Bukowski ajudou a resgatar a obra de John Fante no começo dos anos 1980, quando a pequena editora Black Sparrow republicou *Pergunte ao pó*.



correr a um exemplar de *Pergunte ao pó* copiado da biblioteca de Los Angeles. O autor do milagre, na verdade, foi Bukowski, que indicou o romance de Fante e escreveu um prefácio-exaltação, resumido aqui:

“Eu era um jovem passando fome, bebendo e tentando ser escritor. Faz ia a maior parte das minhas leituras na Biblioteca Pública de Los Angeles, no centro da cidade, e nada do que lia tinha a ver comigo ou com as ruas ou com as pessoas que me cercavam. Parecia que todo mundo estava fazendo jogos de palavras, que aqueles que não diziam quase nada eram considerados excelentes escritores. Você ficava a olhar para fileiras e fileiras de livros extremamente chatos. Eu tirava livro após livro das estantes. Por que ninguém dizia algo? Por que



REPRODUÇÃO

ninguém gritava? Então um dia puxei um livro e o abri e lá estava. Fiquei parado de pé por um momento, lendo. Como um homem que encontrara ouro no lixão da cidade, levei o livro para uma mesa. As linhas rolavam facilmente através da página, havia um fluxo. Cada linha tinha sua própria energia e era seguida por outra como ela. A própria substância de cada linha dava forma à página, uma sensação de algo entalhado ali. E aqui, finalmente, estava um homem que não tinha medo da emo-

ção. O humor e a dor entrelaçados a uma soberba simplicidade. O livro era *Pergunte ao pó* e o autor era John Fante. Ele se tornaria uma influência no meu modo de escrever para a vida toda. Existe muito mais na história de John Fante. É uma história de uma terrível sorte e de um terrível destino e de uma rara coragem natural.”

A nova edição de *Pergunte ao pó* saiu em 1980 e teve uma recepção assombrosa. É um caso inédito: publicado 41 anos antes, o livro só passa a existir a partir do seu relançamento, conquista instantaneamente a geração mais jovem e se torna cult. Podemos aproximá-lo de *The catcher in the rye* (*O apanhador no campo de centeio*), de J.D. Salinger, ou de *On the road* (*Pé na estrada*), de Jack Kerouac — todos na linhagem do fabuloso *As aventuras*

de *Huckleberry Finn*, de Mark Twain.

É hora de desfazer um grande equívoco da mídia literária, ou dois. Os escritores da *beat generation* — movimento que teve seu auge nos anos 1950 — nunca foram influenciados por Fante, pela simples razão de que os livros de Fante não estavam ao seu alcance. A primeira edição de *Pergunte ao pó*, publicada pela Stackpole Sons, foi de apenas 2.200 exemplares... Uma reedição em livro de bolso pela Bantam em 1954 também não teve repercussão. Hoje, exemplares da edição Bantam são oferecidos por cerca de mil dólares; e um exemplar da edição de 1939 vale cerca de dez mil dólares. Nas dezenas de biografias de Jack Kerouac e nas 1200 páginas de sua correspondência completa (1940-1969), não há uma menção sequer a Fante. O equívoco é facilmente explicável por outra falácia, a de rotular Charles Bukowski como escritor beat. Os beats eram gregários, uma turma numerosa liderada pela Santíssima Trindade formada por Kerouac, Allen Ginsberg e William Burroughs. Já Bukowski era um individualista ferrenho, anarquista e hedonista, o “*dirty old man*” alcoólatra e sexólatra, como ele mesmo se autoproclamava.

#### ENREDO

Mas vamos a *Pergunte ao pó*, felizmente resgatado para as novas gerações em 1980. O romance é a chave para o entendimento do enigma Fante. Um crítico pedante o chamaria de *Bildungsroman*, romance de formação. Eu o vejo mais como uma *love story* — ou melhor, uma *love-and-hate story*. Arturo Bandini, aspirante a escritor, mora num hotel bolorento em Bunker Hill, uma área ➔

## CAPA

decadente no centro de Los Angeles, num quarto “onde o pó se acumulava sobre minha máquina de escrever e Pedro, o camundongo, se sentava no seu buraco, os olhos negros me observando através daquele tempo de sonho e divagação.”

Bandini vive de suco de laranja (“cinco centavos a dúzia”) e outras frutas que o feirante japonês lhe dá sem cobrar. Quando tem uns trocados, vai a um café, o Columbia Buffet. Lá conhece a garçonete mexicana Camilla Lopez. Fixa-se nos sapatos da moça: “Eram *huaraches*, as tiras de couro enroladas várias vezes ao redor dos seus tornozelos. Eram *huaraches* desesperadamente maltrapilhos; o couro trançado se desenhara. Quando os vi fiquei muito agradecido, pois era um defeito nela que merecia crítica.” Aí já aparece toda a crueldade de Bandini na relação. Ele, carcamano do Colorado que se faz passar por americano, exorciza seu complexo de inferioridade na mexicana de pés sujos, que o lembra desconfortavelmente de sua própria origem. Apesar disso, apaixona-se por Camilla, um amor sem esperança, já que ela, por sua vez, é perdidamente apaixonada pelo garçom do Columbia, Sam. Sam despreza Camilla e diz a Arturo que, se quiser conquistá-la, tem de maltratá-la. Camilla peregrina por asilos para doenças mentais. Arturo decide levá-la para fora de Los Angeles, é inverno, os alugueis na praia estão mais baixos, instala-se com Camilla numa casinha em Laguna Beach, compra até um cachorrinho para ela. Volta a Los Angeles para pegar suas coisas. Quando regressa à casinha de praia, Camilla sumiu. Sam, com uma tuberculose terminal, mudou-se para um galpão na franja do



No final da vida, Fante foi acometido pela diabetes e teve que amputar as pernas. Cego, ditou à mulher Joyce seu último romance, *Sonhos de Bunker Hill*.

deserto. Camilla foi atrás dele, que a expulsou e ela então ruma para o deserto com o cachorrinho. Bandini vai ao galpão de Sam e fica sabendo que Camilla partiu para o deserto dois dias antes. Tenta em vão encontrá-la, desiste. E é assim que termina o livro, com estas palavras:

“Lá longe, através do Mojave, erguiam-se os vapores do calor. Subi lentamente a trilha até o Ford. No assento, havia um exemplar do meu livro, meu primeiro livro. Achei um lápis, abri o livro na folha de guarda e escrevi:

A Camilla, com amor,  
Arturo

Levei o livro uns cem metros para dentro do deserto, no rumo sudeste. Com toda minha força, joguei-o para longe, na direção em que ela sumira. Entrei então no carro, dei a par-

tida e rodei de volta para Los Angeles.”

O cineasta Robert Towne, que levou o livro às telas, chama *Pergunte ao pó* de “o maior livro já escrito sobre Los Angeles.” No início do romance, Fante faz uma exortação à cidade: “Los Angeles, dê-me um pouco de você! Los Angeles, venha a mim do jeito que eu vim a você, meus pés sobre suas ruas, bela cidade que adorei tanto, triste flor na areia, bela cidade.”

Aparentemente realista, a narrativa de Fante envereda às vezes pela alegoria. Um exemplo é o episódio no hotel em que Hellfrick, o excêntrico vizinho de Bandini, o convida para comer “um bife grande e grosso.” Bandini estranha o convite, Hellfrick nunca tem dinheiro. Saem de carro. Num pasto em San Fernando Valley, Hellfrick rouba um bezerro da mãe e volta ao carro com o animal morto sobre



as costas. Bandini descreve: “Era um bezerro, o sangue jorrando de um talho entre as orelhas. Os olhos do bezerro estavam arregalados, eu podia ver a lua refletida neles. Era assassinato a sangue frio. Estremeci pensando na velha vaca sozinha no campo ao luar mugindo por seu bezerro. Assassinato!”

Antes de partir para o desenlace da história de Camilla, Fante insere seu herói num episódio apocalíptico inspirado por um fato real, o terremoto de 1933 em Long Beach, que matou mais de uma centena de pessoas e provocou grande devastação na área metropolitana de Los Angeles.

Uma curiosidade final sobre *Pergunte ao pó*: o título do romance. Tudo nos induz a crer que tem a ver com a proximidade do deserto, sua poeira que cobre tudo em Los Ange-

les. Na verdade, o título vem de mais longe, da Noruega. Fante amava o autor de *Fome*, Knut Hamsun (1859-1952) e inspirou-se na passagem do romance *Pan*, referente à garota na torre: “Ele a amava como um escravo, como um louco e como um mendigo. Por quê? Pergunte ao pó na estrada e às folhas que caem, pergunte ao misterioso Deus da vida, pois ninguém sabe destas coisas.”

Sua redescoberta em 1980 — e o merecido reconhecimento depois de quatro décadas de ostracismo — daria um alento final a Fante. Mesmo cego, ele ainda “escreve” um último romance, ditado à sua mulher Joyce, antes de morrer, aos 74 anos, em 8 de maio de 1983. *Sonhos de Bunker Hill* (1982) é uma variante das aventuras de Arturo Bandini na Los Angeles dos anos 1930. Em 2010, no dia do 101º aniversário do autor, foi inaugurada a Praça John Fante, perto da área de Bunker Hill e da biblioteca de Los Angeles, onde Bukowski descobriu Pergunte ao pó. Mais do que isso, porém, Fante continua vivo na quantidade de romances e coletâneas de contos descobertos e publicados nos 30 anos depois de sua morte. Para uma legião de escritores do mundo inteiro, ele é um exemplo de que às vezes, munido apenas da palavra, um homem é capaz de viajar a lonjuras inimagináveis.

**ROBERTO MUGGIATI** é jornalista e escritor. Traduziu as mais recentes reedições de John Fante no Brasil, publicadas pela José Olympio: *Pergunte ao pó* (2003), *Espere a primavera*, *Bandini* (2003), *O caminho de Los Angeles* (2005), *O vinho da juventude* (2010), *A irmandade da uva* (2013) e *A grande fome* (2015).

# UM ESPIÃO NA FÁBRICA DE SONHOS

ROBERTO MUGGIATI

**N**a dedicatória de um livro a uma amiga, John Fante escreveu em 1945: “Daquele prostituto de Hollywood, aquele desgraçado artista vendido, aquele sublime pervertido literário e letrista abortado, aquele miserável artista de cenas, aquele supremo lambedor de bucetas que é pago pelo vômito adocicado sussurrado por Dorothy Lamour. Dedicado com a esperança de que em breve ele possa escrever um autógrafa menos amargo na folha de guarda de uma obra realmente de qualidade.”

Como escritor assalariado de Hollywood, até que John Fante foi um bom moço, comparado ao bando de bêbados e desajustados que passaram pelos escritórios dos grandes estúdios, como Raymond Chandler, William Faulkner e Scott Fitzgerald. Começou em 1952 roteirizando seu próprio romance *Full of life* (*Um casal em apuros*), com Judy Holliday e Richard Conte, sob a direção de Richard Quine. No mesmo ano, fez o roteiro de *My Man and I* (*Sem pudor*), dirigido por William Wellman e estrelado por Shelley Winters. Em 1957, adaptou para o diretor George Sidney a história da atriz Jeanne Eagles/*Lágrimas de triunfo*, estrelada por outra loubra famosa, Kim Novak (no mesmo ano

## CAPA

em que ela fez *Vertigo/Um corpo que cai* com Hitchcock.) Diretores e atrizes de peso continuaram recorrendo aos serviços de Fante. Em 1962, ele colaborou com Edward Dmytryk em dois filmes importantes: *The Reluctant Saint/O santo relutante*, com Maximilian Schell; e *Walk on the Wild Side/Pelos bairros do vício*, baseado no romance de Nelson Algren, com Laurence Harvey, Capucine, Jane Fonda, Anne Baxter e Barbara Stanwyck. Fez ainda o roteiro de um *western* para a televisão, *Something for a Lonely Man*, dirigido por Don Taylor em 1969.

Se Fante tratou bem o cinema, não se pode dizer o mesmo do cinema em relação a sua obra. Francis Ford Coppola comprou os direitos de *A irmandade da uva*, mas o filme nunca foi feito. Em compensação, a produtora Zoetrope, de Coppola, apadrinou a filmagem de *Espere a primavera, Bandini* (1989), dirigida pelo belga Dominique Deruddere, com equívocos de elenco desastrosos: Joe Mantegna e Faye Dunaway caricatos como o pedreiro e sua amante viúva rica; mas o pior mesmo é a mãe assexuada e beata de Bandini ser interpretada pela tór-

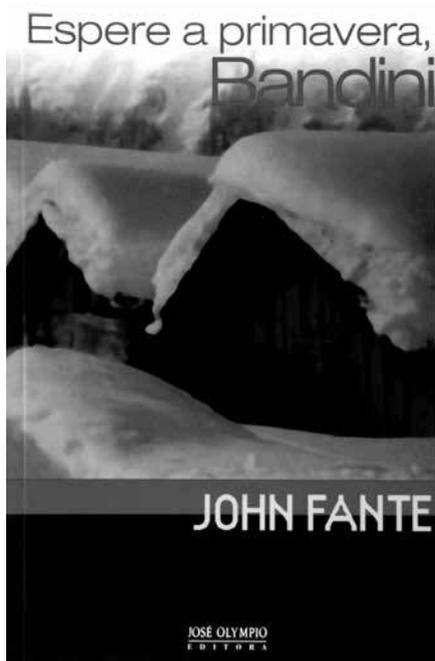
rida Ornela Muti. *Pergunte ao pó* (2006), do qual tanto se esperava, foi também uma decepção. Roteirista premiado com o Oscar por *Chinatown*, de Polanski, Robert Towne quis saber como as pessoas falavam na Los Angeles dos anos 1930 e descobriu *Ask the dust*. Apaixonou-se pelo livro, esperou 30 anos para levá-lo às telas, mas isso não bastou para fazer um bom filme. Um erro grosseiro foi escolher o ator irlandês Colin Farrell para interpretar o ítalo-americano Bandini. Salma Hayek também não convence como Camilla e faz uma mexicana estilizada. Em geral, os bons romances, aqueles que se valem da riqueza de sua linguagem, são refratários às versões cinematográficas. Salva-se, em tudo isso, um documentário sólido de uma hora sobre John Fante, feito em 2001 por Jan Louter e disponível no YouTube: *A Sad Flower in the Sand*.

DIVULGAÇÃO

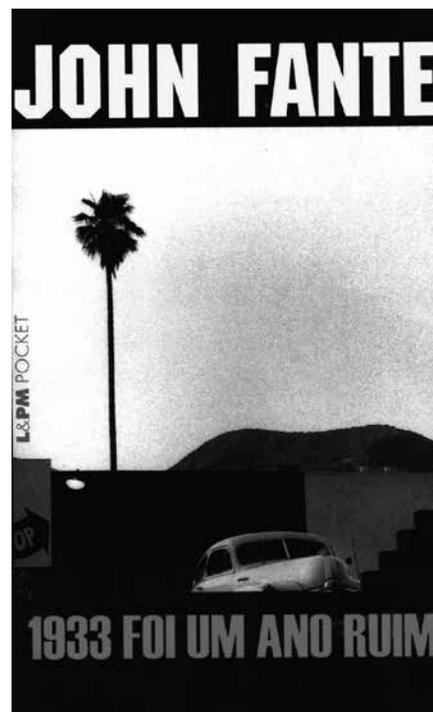


Os atores Colin Farrell e Salma Hayek, que interpretaram Arturo Bandini e Camilla Lopez na adaptação cinematográfica de *Pergunte ao pó*. Fãs do livro se decepcionaram com o tom morno do longa dirigido por Robert Towne.

## PRATELEIRA | JOHN FANTE

**ESPERE A  
PRIMAVERA,  
BANDINI****José Olympio, 2010**

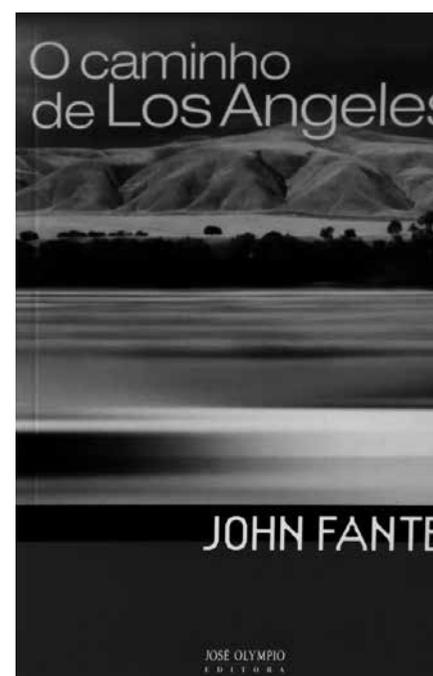
Lançado em 1938, este foi o primeiro romance publicado pelo norte-americano John Fante e traz o alter ego Arturo Bandini como protagonista. Bandini, o mais velho de três irmãos, detesta a pobreza em que vive e o catolicismo que o cerca, por mais que não consiga escapar à culpa causada pela doutrinação. Em meio à neve do Colorado, o pai, Svevo, não pode trabalhar como pedreiro e há grande dificuldade financeira. É com humor e escárnio, porém, que Fante narra a vida sofrida dessa família de imigrantes italianos, esmiuçando o cotidiano de Arturo e seus dramas juvenis — seus roubos e mentiras constantes, o amor não correspondido por Rosa, entre outros percalços.

**1933 FOI UM  
ANO RUIM****L&PM Pocket, 2008**

Este romance publicado postumamente em 1985 traz como protagonista Domic Molise, o Nick, que volta a aparecer em *A Irmandade da Uva* como um velho alcoólatra e viciado em jogos. Aqui, aos 17 anos, o próprio personagem narra a miséria de sua vida no frio do Colorado. Confiante da potência de sua canhoto, chamada por ele de O Braço, Nick sonha em ir para o calor da Califórnia para se tornar um arremessador de beisebol. Enquanto isso não acontece, é preciso conviver com o pai pedreiro que deseja o mesmo futuro para o filho, a mãe fanática religiosa e uma avó ranzinza.

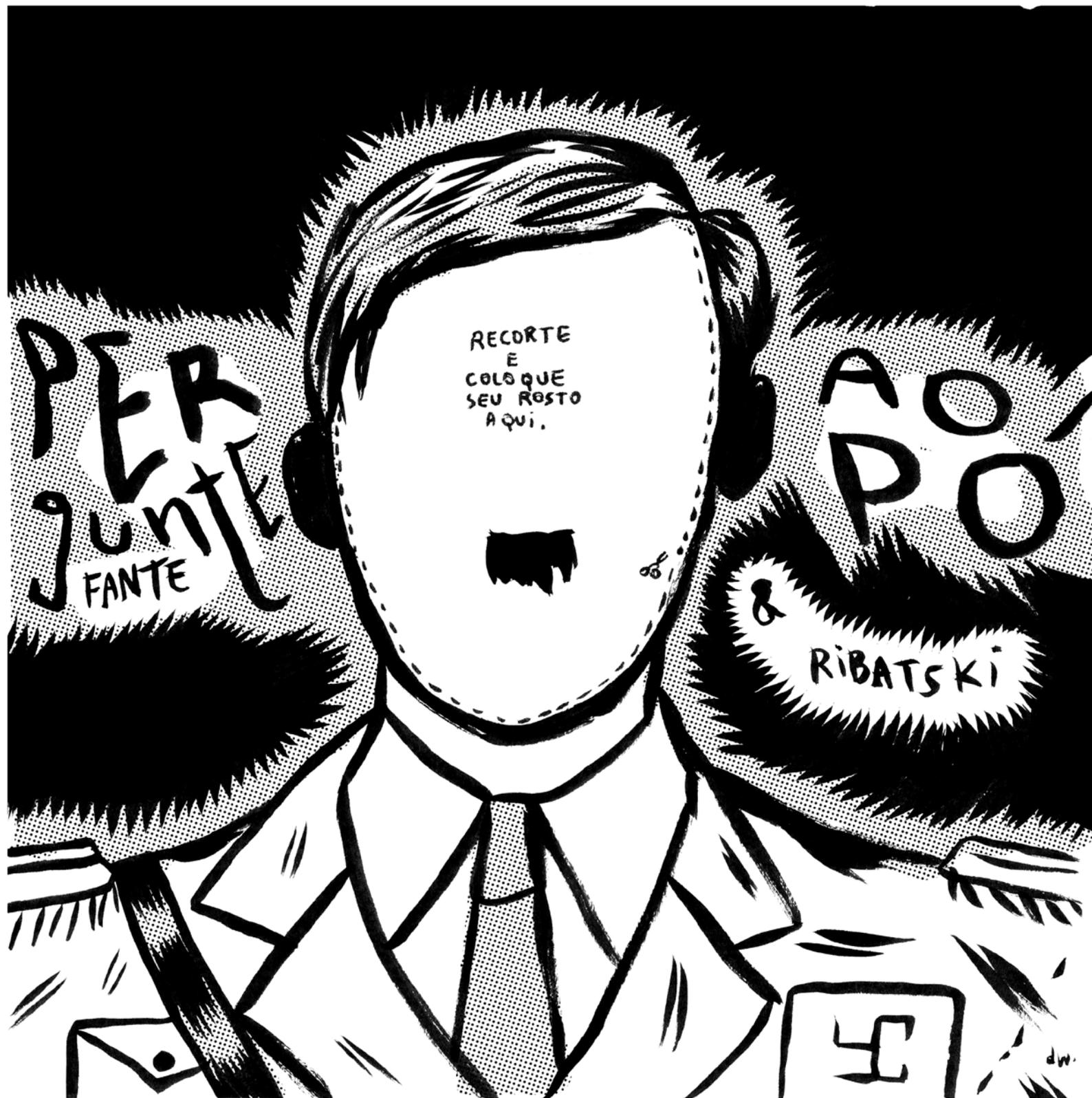
**PERGUNTE AO PÓ****José Olympio, 2015**

Segundo romance de John Fante, publicado originalmente em 1939, foi pouco festejado na ocasião de seu lançamento e ganhou visibilidade somente quatro décadas depois, em reedição prefaciada pelo também escritor norte-americano Charles Bukowski. Em *Pergunte ao pó*, o tempo é de sonho e divagação. O protagonista Arturo Bandini, cuja mocidade fora narrada em *Espere a primavera, Bandini*, agora é aspirante a escritor e mora numa região decadente de Los Angeles chamada Bunker Hill. Os problemas — fora a pobreza e tristeza recorrentes na obra de Fante — se iniciam quando a mexicana Camilla Lopez entra na vida de Bandini e eles empreendem uma viagem catastrófica para Laguna Beach, região próxima ao deserto e sua árida vastidão.

**O CAMINHO DE  
LOS ANGELES****José Olympio, 2010**

Primeiro romance escrito por John Fante, *O caminho de Los Angeles* foi publicado postumamente em 1985. Como no restante da obra de Fante, seja na figura de Bandini ou Molise, o protagonismo fica por conta de um personagem que lembra muito o seu criador. É Arturo Bandini quem está novamente em cena, desta vez trabalhando numa fábrica de enlatado de peixes, porque seu pai morreu e é preciso sustentar a família. Apesar do emprego insalubre, o narrador sonha em ser escritor, consome filósofos alemães e passa os dias certo de que não pertence ao lugar em que se encontra, contentando-se em refletir sobre o impossível.





UMA VEZ EM DENVER, HOVE OUTRA NOI-  
TE COMO ESSA, SÓ QUE EU NÃO ERA UM  
AUTOR EM DENVER, MAS ESTAVA NUM  
QUARTO COMO ESTE E FAZIA PLA-  
NOS,



E ERA DESASTROSO  
PORQUE O TEMPO TO-  
DO EU PENSAVA NA VIR-  
GEM SANTÍSSIMA E  
NÃO COMETERAS ADUL-  
TÉRIO E A ESFORÇADA  
GAROTA SACUDIU A  
CABEÇA TRIS-  
TE MENTE  
E TEVE DE  
DESISTIR,  
MAS AQUI-  
LO FOI HA-  
MUITO TEM-  
PO E ESTA  
NOITE A COISA VAI MUDAR.



SAI PELA ATÉ O ALTO JANELA TE PARA O MEU O MEU BUNKER  
CHEIRANDO AS FLORES. AS FLORES CHEIRANDO AS FLORES. AS FLORES CHEIRANDO AS FLORES.  
DESEERTO E O PÓ ADORMECIDOS  
VELHAS DO NOS CASAS, BELOS HAMBÚRGUERES CANTAN-  
TANDO. ELA VAI ME TRATAR GENTILMENTE  
ME ASSIMILAR AS CARATAS DA INFÂNCIA



HQ | DW RIBATSKI



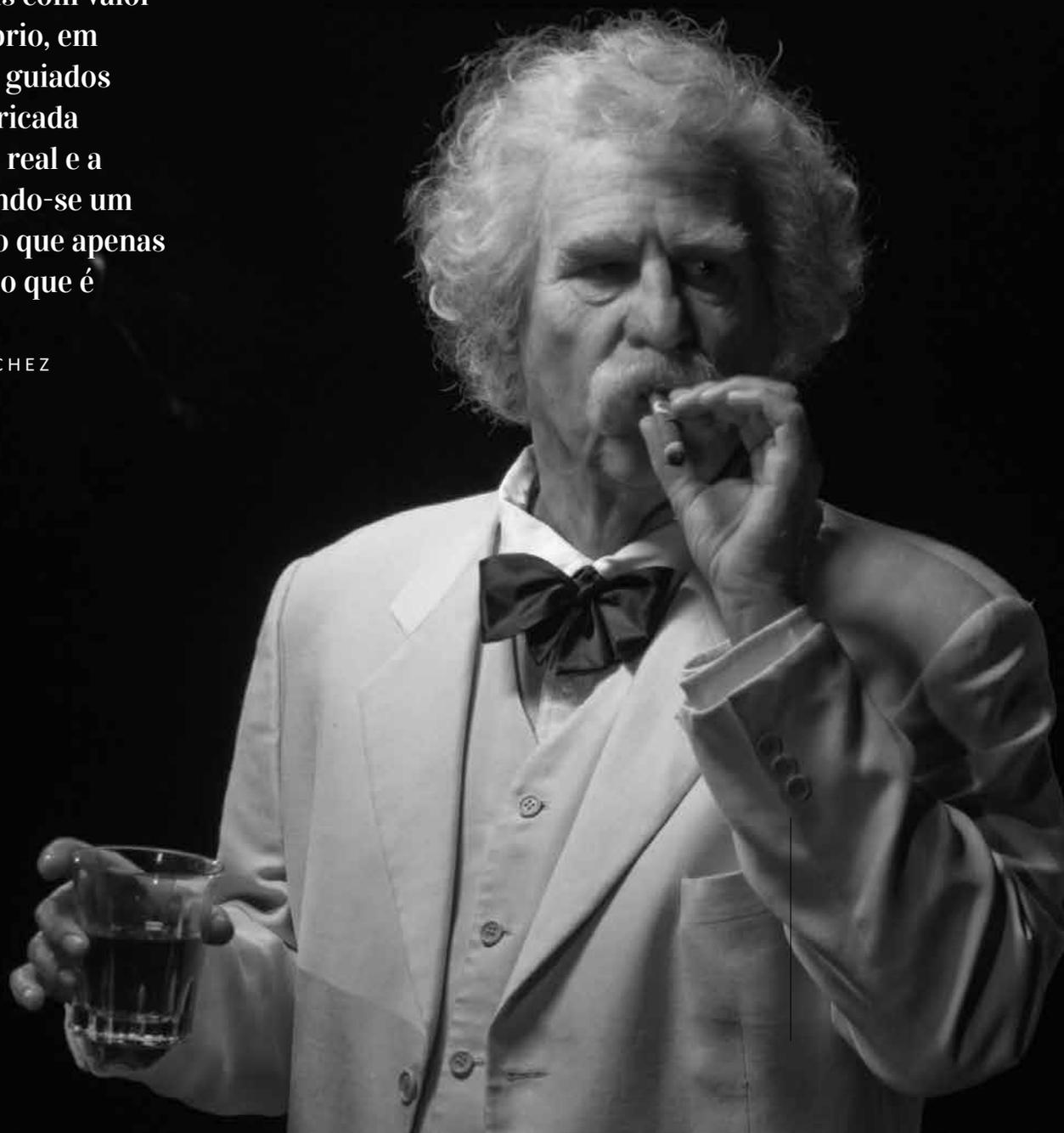


REPORTAGEM

# INTIMIDADE (FICCIONALMENTE) COMPARTILHADA

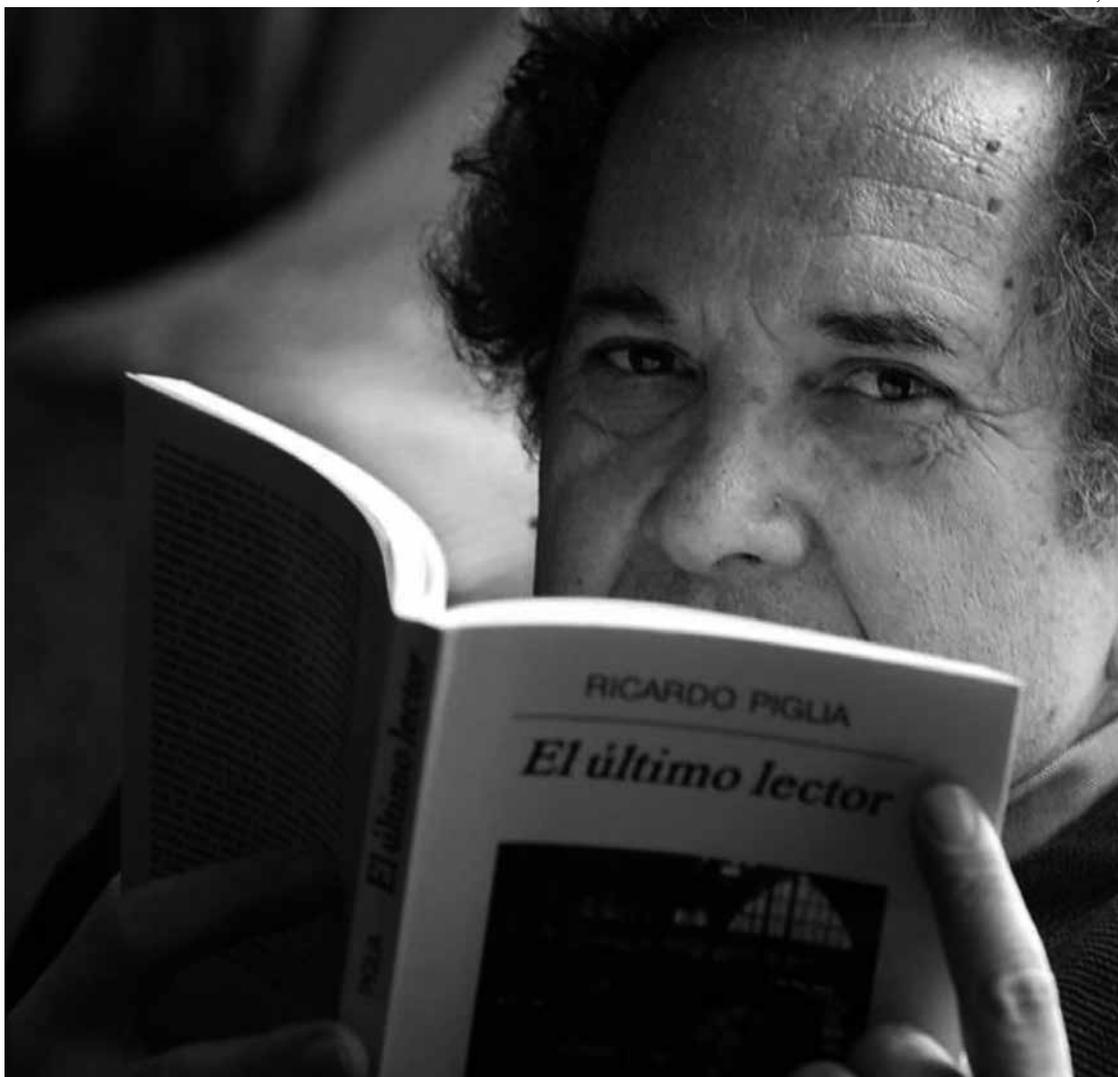
Para além de meros testemunhos, diários são narrativas com valor literário próprio, em grande parte guiados por uma imbricada fusão entre o real e a ficção, tornando-se um gênero difuso que apenas aparenta ser o que é

MARIANA SANCHEZ



O ator Val Kilmer interpretando o escritor americano Mark Twain na produção teatral de *Citizen Twain*. O escritor americano é autor de *Diários de Adão e Eva*, sátira que registra em forma de diário as impressões dos primeiros habitantes do paraíso.

DIVULGAÇÃO



Um leitor, como todo espectador de arte, é também um *voyeur*. Mas esta atração por narrativas alheias parece potencializada no caso dos diários, em que a proposta de espiar algo privado, interdito, supostamente real, datado e escrito em primeira pessoa acaba gerando uma cumplicidade ainda maior entre autor e leitor.

Em *The diary novel*, Lorna Martens diferencia os diários íntimos — que têm origem na prática cristã do exame de consciência — dos ficcionais — que descendem do romance epistolar setecentista. “O último dia de um condenado”, de Victor Hugo, e *O herói do nosso tempo*, de Mikhail

Lérmontov, são exemplos de romances em forma de diário escritos ainda no século XIX. No Brasil do século XX temos *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, e *Memorial de Aires*, de Machado de Assis”, enumera o professor de Teoria da História da Universidade Federal do Rio de Janeiro Felipe Charbel. Para ele, esta separação entre diários reais e inventados começa a complicar com a publicação massiva de diários póstumos de natureza privada, como o de Henri-Frédéric Amiel (1821-1881), “um dos primeiros escritores com a plena consciência de que o diário íntimo poderia ser uma forma literária digna de interesse”, opina. Já os diários “híbridos”, segundo

Ricardo Piglia passou mais de meio século preenchendo caderninhos íntimos e, ao ser diagnosticado com esclerose lateral amiotrófica (ELA), decidiu publicá-los com o nome do protagonista do romance *Respiração Artificial*, Emilio Renzi, seu alter-ego.

Charbel, bagunçam ainda mais essa divisão, pois partem do pressuposto de que o relato de uma vida tem sempre uma dimensão ficcional, e que invariavelmente o eu é um “fazedor de pose”, como escreveu Roland Barthes.

A poeta, ficcionista e professora de Letras da Universidade Federal do Paraná Luci Collin defende que “o confessional — por mais que o termo sugira a sinceridade em grau máximo de uma confissão — é naturalmente falacioso, porque a própria condição da escrita é ser falaciosa, inventiva, irreal. É forçosamente uma reconstrução criativa, emocional, psicológica, histórica, política, temporal — não há como exigir que se cole a uma verdade porque não há estatuto de verdade na ficção.” Para ela, tudo é um jogo de reelaboração, “mesmo que se pretenda manter o autobiográfico como o que mais se aproxima da veracidade, ele sempre será amplamente contaminado, ou mesmo tomado pelo ficcional”.

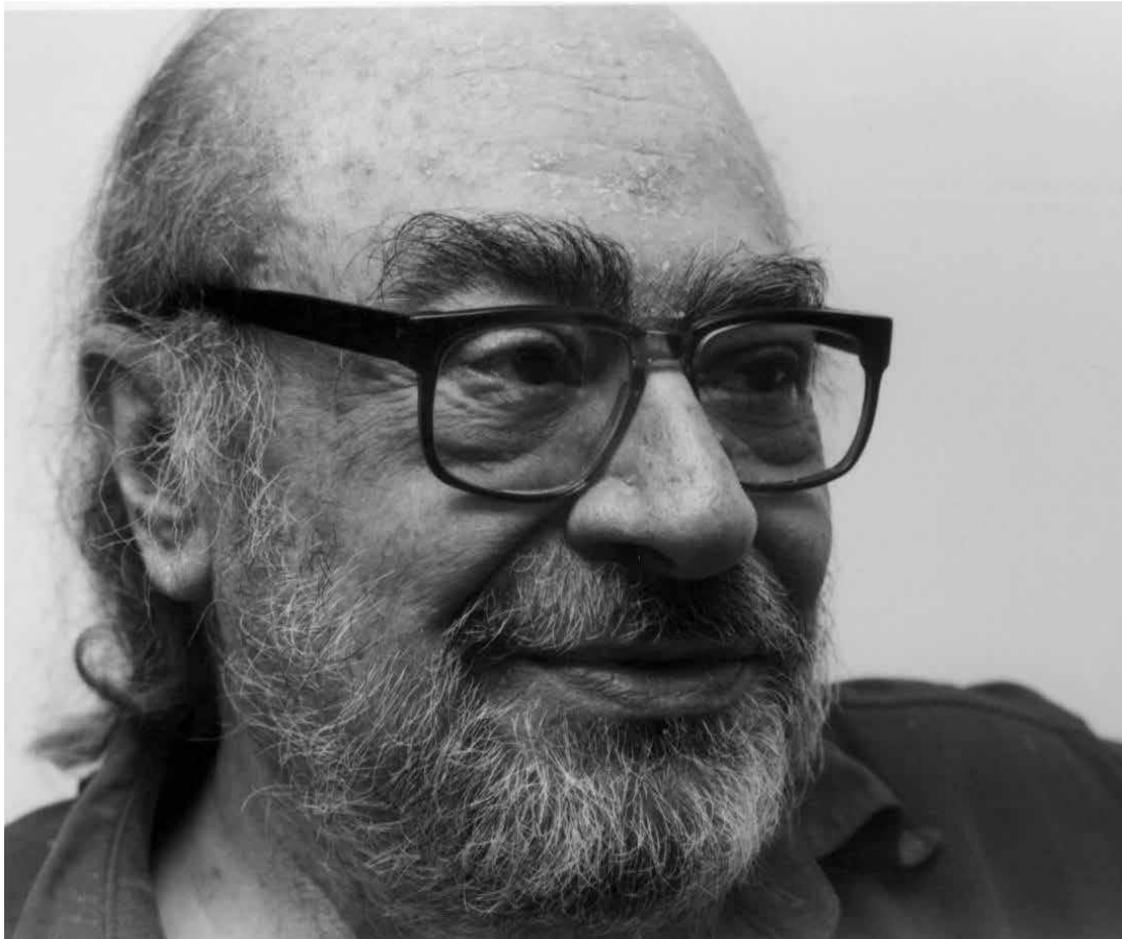
#### OS DIÁRIOS DOS CLÁSSICOS

São famosos os diários mantidos ao longo da vida por escritores notáveis, como Fiodor Dostoiévski, Franz Kafka, Witold Gombrowicz, Cesare Pavese e Virginia Woolf. “A obra é uma confissão, tenho que prestar testemunho”, reflete Albert Camus em *Esperança do mundo*, que reúne seus escritos privados. No exemplar de Luci Collin está sublinhada esta entrada de abril de 1937: “A tentação mais perigosa: não se assemelhar a nada”.

*Cadernos de Lanzarote*, do português José Saramago, traz meditações éticas, literárias e geopolíticas do escritor, além de reflexões sobre a própria natureza destes cadernos. Escreve, no dia 2 de fevereiro de 1995: “Por muito que se diga, um diário não ➔

## REPORTAGEM

DIVULGAÇÃO



O uruguaio Mario Levrero é autor de *O romance luminoso*, diário que flerta com as formas do romance e do ensaio.

escrita tem uma deriva própria e aos poucos fui me dando conta de que as releituras me conduziam a nós afetivos, a histórias mal resolvidas do meu passado”. O resultado é um romance-diário que costura os comentários do narrador sobre estes livros relidos enquanto vive ou rememora sua relação com outros personagens — pai, esposa, ex-mulher, etc. — em meio a situações-limite — morte, crise, separação. Para ele, a matéria desses cadernos é sempre perigosa: “Só os celibatários e os loucos deviam manter diários”.

## POÉTICA

Luci Collin acredita que podemos pensar numa poética do gênero diário como aquela do texto em linguagem informal, sobre fatos subjetivos, corriqueiros e que se estabelece sob o tom do registro franco de lembranças ou do desabafo (como um diálogo do autor consigo). “Mas essa poética me parece bastante difusa, porque é administrada de modos diferentes por cada escritor que escolhe o diário como gênero textual. Que tipo de escrita é essa que se pretende secreta, sigilosa, inviolável, mas que se sabe deliberadamente aberta à leitura e ao julgamento dos outros?”, questiona.

Para Felipe Charbel, “se o diário tem uma poética, é a do efêmero, do passageiro. É a escrita sem futuro, sem fechamento, que por não ter um fim imediato acaba se revelando um fim em si. O puro prazer da escrita”. Boa parte do que lhe interessa nos diários é seu caráter lacunar, com a evidência de que cada entrada se basta. “A mudança do dia marca um novo começo, mesmo que os temas se repitam — e os diaristas que mais me atraem são os que retornam às suas

LOOMIS DEAN



Albert Camus, autor de *Esperança do mundo*, que reúne seus escritos privados.

é um confessional, um diário não passa de um modo incipiente de fazer ficção”. Outro que levou a sério a tarefa diarística foi o peruano Julio Ramón Ribeyro. Em *A tentativa do fracasso*, escreve no dia 29 de janeiro de 1954: “Todo diário íntimo surge de um sentimento agudo de culpa.” E segue em tom aforístico: “Todo diário íntimo é também um prodígio de hipocrisia”. “Todo diário íntimo se escreve a partir da perspectiva temporária da morte”.

“A melhor entrada em duas linhas de um diário ficcional — ‘Hoje não aconteceu nada. Se aconteceu alguma coisa é melhor calar, pois não a entendi’. A de um diário real — ‘A Alemanha declarou guerra à Rússia. Natação à tarde’”. O trecho é extraído de *Janelas irreais — um diário de releituras*, que Felipe Charbel lançou este ano, e se refere, respectivamente, a uma frase do suposto diário de García Madero, personagem do romance *Os detetives selvagens*, de Roberto Bolaño, e à famosa entrada do dia 2 de agosto de 1914 do diário de Franz Kafka.

A ideia de Charbel era comentar livros cuja leitura lhe trouxeram alguma felicidade no passado. “Mas a

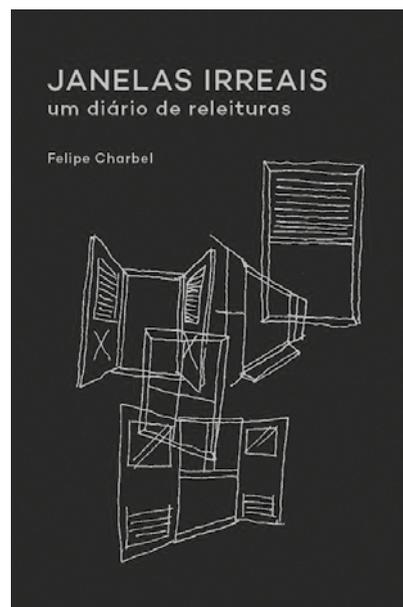
ideias fixas, como se cada entrada fosse uma tentativa nova, e fracassada, de repisar os assuntos de sempre. Diário e fracasso andam juntos, são gêmeos siameses”, sentencia.

### MEMÓRIAS INVENTADAS

Certas obras, no entanto, recorrem ao gênero apenas como procedimento, artifício narrativo. É o caso dos *Diários de Adão e Eva*, sátira de Mark Twain publicada em 1906 que registra as impressões dos primeiros habitantes do paraíso. Escreve Adão, numa segunda-feira: “Essa coisa diz que seu nome é Eva. Para mim tanto faz, não tenho nada contra”. Eva, por sua vez, registra num domingo: “Me pergunto para que afinal ele serve. Nunca o vejo fazendo coisa nenhuma”. No Brasil, a editora Hedra publicou no mesmo volume as *Passagens do diário de Satã*, *Autobiografia de Eva* e *Soliloquio de Adão*. Ironia e inteligência em dosagem altíssima.

Outro caso curioso é o delirante *Diário de um louco*, do russo Nicolai Gógol. Publicado em 1835, narra as desventuras de um funcionário público à beira da loucura. À medida que seu estado doentio avança, o diário também vai endoidecendo, e até os cabeçalhos ganham descrições surrealistas: “Entre o dia e a noite”; “86º. dia de Martubro” (misturando março com outubro); “Esqueci a data. Não houve mês tampouco. Sabe lá o diabo qual era”.

Para Luci Collin, um dos textos mais intrigantes e reverenciáveis é *Inferno*, do dramaturgo sueco August Strindberg. Misto de diário, ensaio e ficção, a obra escrita entre 1896 e 1897 é o testemunho das mirabolantes experiências alquímicas e dos delírios místicos de um homem psicologicamente atormentado. “*Inferno* é



o exemplo máximo dessa fusão entre impulsos narrativos, veracidade, testemunho, ficcionalização, denúncia, e rende belos estudos da condição e da volatilidade do confessional”, define Collin. Outro que ela destaca efusivamente é *The tree of life*, do norte-americano Hugh Nissenson, inédito no Brasil, que inventa o diário de um suposto aventureiro em Ohio no início do século XIX.

No Brasil, o paulistano Ricardo Lísias gerou polêmica anos atrás com *Divórcio*. O autor recriava o texto de um suposto diário da esposa do narrador, pivô da separação por revelar informações demasiado comprometedoras. Como muitos dados espelhavam a biografia de Lísias, teve quem o lesse como uma obra confessional, a despeito da nota final do autor, que esclarecia: “*Divórcio* é um livro de ficção em todos os seus trechos”. A confusão entre o real e a ficção é uma das claras marcas de seu projeto literário.

### PARADIGMÁTICOS

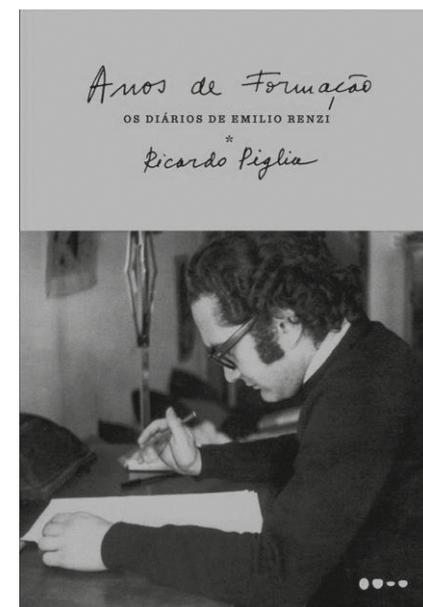
Felipe Charbel conta que sempre manteve diários, mas a inspiração



para a passagem deles ao formato livro em *Janelas irreais* veio das leituras de *The sight of death*, de T. J. Clark, e de *O romance luminoso*, do uruguaio Mario Levrero, “dois diários que flertam com as formas do romance e do ensaio”, define.

Levrero ganhara uma bolsa da Fundação Guggenheim para concluir a escrita de um livro começado na década de 1980, mas ao invés de se dedicar ao romance, o que fez foi escrever um diário da escrita do romance. O resultado, claro, é *O romance luminoso*, lançado este ano no Brasil.

Outro rio-platense a publicar um diário paradigmático foi Ricardo Piglia, morto no ano passado. O autor de *Respiração Artificial* passou mais de meio século preenchendo caderninhos íntimos e, ao ser diagnosticado com esclerose lateral amiotrófica (ELA), decidiu publicá-los. Só que, ao fazê-lo, assinou-os com o nome do protagonista de *Respiração Artificial*, seu alter-ego Emilio Renzi. Gesto astuto, pois permite que seus diários pessoais sejam lidos como um monumental romance de formação,



confrontando a ideia de autoria e alteridade, como quem confessa que, em última instância, nunca podemos dizer nada sobre nós mesmos, senão sobre o outro. “Não há procedimento narrativo que não seja artificial”, escreve, numa sexta-feira de 1965. No Brasil apenas o primeiro volume de *Os diários de Emilio Renzi* foi editado até agora.

“Em diários-romances como os de Mario Levrero e Ricardo Piglia, a matéria que é deixada de fora, ou fica retida no filtro superegoico, é tão relevante quanto o que se diz abertamente, talvez até mais”, opina Felipe Charbel, que se tornou um leitor obsessivo de diários após publicar o seu próprio relato. Citando uma passagem do livro, de quando um personagem descreve a leitura de *O romance luminoso*, talvez seja preciso ver nos diários “não mais uma atividade clandestina, a antessala da literatura, mas o palco principal da comédia humana, onde o ridículo e o patético são expostos quase sem retoques, só com alguma censura e de um jeito moderadamente romanceado”. ■

# MATINÉ

S onhou com o beijo sonhado... real como o cinema. Julgava-o de todo perdido numa sala escura, sem projetorista. Antes ramo seco em meio às páginas daquele roteiro sem final, o beijo brotava agora da saliva imaginária, fazendo dançar sua alma e pestanas ao sabor de vinte e quatro quadros por segundo. O gosto era bom e tinha fome de tempo. O tempo, curta-metragem farto de sono, rompeu-se como celuloide e a fantasmagoria cedeu às luzes da manhã. *The end.*

Fazia frio. “Uns oito graus”, calculou a julgar pela temperatura da orelha desvalida que apontava para o teto, enquanto a outra se abrigava no aconchego do travesseiro desenvolvido pela NASA: “a espuma com memória oferece resistência uniforme à distribuição do peso da cabeça” — ou assim atestava o encarte, que a convencera a investir uma soma astronômica pelo produto. Quanto pesariam, naquele instante, cabeça e memória? O equivalente a um planeta e seu satélite, talvez? O certo é que o rastro daquele beijo onírico riscava-lhe o céu do pensamento, insubmisso ao campo gravitacional que a aprisionava à realidade.

Lembrou-se então de respirar. Ejetada ao mundo das coisas, era como se houvesse desaprendido o automatismo das funções vitais. Inspirou fundo para que a dor expirasse, mas o peito jazia em sístole. “*Good morning heartache*”. Bom-dia, *Lady Day*.

Abriu os olhos e contemplou a matéria inerte por alguns momentos: mesa de cabeceira, relógio digital, armário, luminária, porta, pufe, ela própria. Era domingo e o despertador não tocava. Rompeu o casulo das cobertas e sentiu-se inusitadamente livre de sua morbidez larvar. Noutra ímpeto, alçou-se da cama e escancarou as cortinas.

Os vidros suados do quarto davam a ver um pequeno jardim de cinerárias roxas, bordadas de branco pelo cristal da geadinha. “*I’ve got those Monday blues, straight through Sunday blues...*” e então, sem que se desse conta, o soar interior daquela voz de versos tristes sucumbiu ao canto ordinário de um tico-tico, que saltitava por entre as flores do canteiro.

Atrás de si, a cama em desalinho esquecia-se do calor do seu corpo, enquanto o sonho e o beijo, tais quais as cores de um filme antigo, já iam pálidos na tela das reminiscências. À sua frente, uma linda manhã de sol e azul intenso, céu de brigadeiro em Curitiba. A vida era doce, afinal. Real como o cinema. ■

---

**ALE MORETTI** é mestre em Comunicação e Linguagens, redatora publicitária e roteirista. É especialista em Cinema, TV e Multimídia pela UCLA Extension (Los Angeles, Califórnia). Vive em Curitiba (PR).

POEMA | HEITOR FERRAZ MELLO

# PRECÁRIA UNIDADE

*Poemas morrem pela boca  
como os peixes*

*Palavras afogadas de sentido  
se sentem vazias  
como sacos de supermercado*

*Não se diz amor  
sem que um sorriso ácido  
lamba as pernas do ar  
e tudo faça pouco sentido*

*Enfrento minha alma  
sua alma despedaçada  
como nuvens que correm distantes*

*Finco meu desejo  
entre o sonho  
e a razão esboroadada*

*Pulso minha língua na sua  
e enrolados nesse drama particular  
formamos uma efêmera forma de viver*

*— é nossa vida  
que se rompe  
numa precária unidade*

---

## HEITOR FERRAZ MELLO

é jornalista e mestre em Literatura Brasileira pela USP. Publicou, entre outros livros, *Resumo do dia* (1996), *A mesma noite* (1997), *Goethe nos olhos do lagarto* (2001) e *Meu semelhante* (2016). Em 2010, seu livro *Um a menos* foi um dos semifinalistas do Prêmio São Paulo de Literatura.

